



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Pâmela Souza da Silva

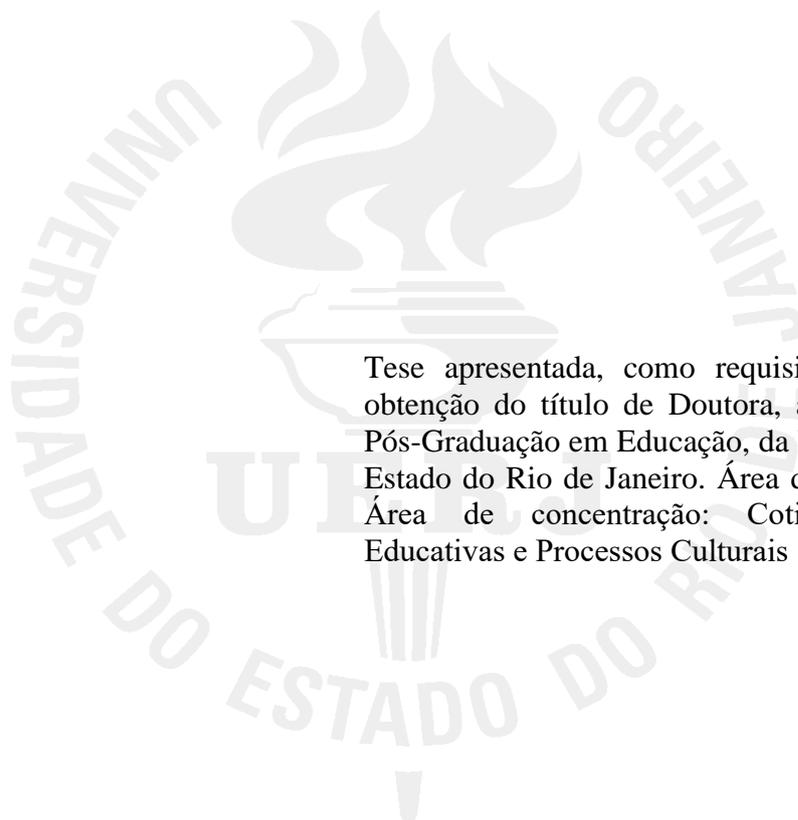
**Labirintos da Lembrança: Corpo e memória como recursos investigativos**

Rio de Janeiro

2023

Pâmela Souza da Silva

**Labirintos da Lembrança: Corpo e memória como recursos investigativos**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Áreas de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais .

Orientador: Prof. Dr. Aldo Victório Filho

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Pâmela Souza da  
Labirintos da lembrança: corpo e memória como recursos investigativos /  
Pâmela Souza da Silva. – 2023.  
116 f.

Orientador: Aldo Victório Filho.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Memória – Aspectos sociais – Teses. 3. Cultura –  
Teses. I. Filho, Aldo Victório. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data

Pâmela Souza da Silva

## **Labirintos da Lembrança: Corpo e memória como recursos investigativos**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Aprovada em 04 de dezembro de 2023

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Aldo Victório Filho (Orientador)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Luzia de Abreu  
Universidade Federal de Goiás – UFG

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Sússekind Verissimo Cinelli  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Garcia  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Almeida Carneiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho as minhas ancestrais, que me ensinarem a honrar os caminhos, tempos e encontros, territórios de nossas memórias.

## AGRADECIMENTOS

As Ancestrais, por guiarem meus caminhos.

A minha mãe, Márcia, por todo apoio, amor e força.

Ao meu pai, Dógi, por me lembrar o quanto a alegria é fundamental.

A helena, minha companheira de vida e criação.

A Andreza, Marcele e Felipe, pela irmandade e amor.

A tio Rick e tio Jorge, por me ensinarem sobre o mar e os cantos dos pássaros.

A Tetei, Tânia, Jane, Simone, Elvira, Zenaide, Zeneide e Zenilda e Denise, minhas tias. Mulheres que, junto com minha mãe, me ensinaram a reconhecer a força que existe dentro e a coloca-la a serviço de nossas comunidades.

Seu Romeu, meu parceiro de sonhos.

As alunas, alunes e alunos por me ensinarem tanto sobre a vida com generosidade.

As minhas amigas e amigos, parcerias de vida, redes que me sustentam no amor e no cuidado.

Ao meu orientador, Aldo, pela longa parceria afetuosa.

Aos coletivos de luta Tekohaw Maracanã, Associação Wyka Kwara e espaço Swbatkerá, pelo acolhimento a esse corpo que chega de tão longa caminhada.

A Kwarahy Tenentehar e Ricardo Ajurubicaba, por me ensinarem a cantar para a chuva.

A Tapixi Guajajara, por fortalecer meu espírito com seus saberes e medicinas.

Às Professoras, Professores e funcionários da UERJ e do ProPED por todos esses anos de trabalho e aprendizados.

Toni Morrison escreve: *Toda água tem uma memória perfeita e está sempre tentando voltar para onde estava.* De volta ao corpo de terra, de carne, de volta à boca, à garganta, de volta ao útero, de volta ao coração, ao sangue, de volta à nossa dor, de volta de volta de volta.

*Natalie Diaz*

## RESUMO

SILVA, Pâmela Souza da. **Labirintos da Lembrança: Corpo e memória como recursos investigativos**. 2023. 116 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tese é um sonho materializado em coletivo, juntamente com companheiras, encontros na feira, no trem, nas escolas, na cachoeira, pessoas humanas e não humanas, referências que nutriram este solo, deslocaram e orientaram as noções de Tempo, Território e Memória, três palavras/ideias/conceitos/guianças, conjuros para a transformação dos cotidianos, desejos de criação e destruição. Tempos. Territórios. Memórias. Modos plurais de pensar e viver complexas experiências que atravessam a vida de todes, sobreviventes que somos da violência colonial.

Essa pesquisa vagueia por corpos coletivos. Despertas e atentas para a compreensão dos territórios como parte de nós mesmas, impregnadas pela relação entre vida e morte, um complexo cheiro de podre que entra pelas narinas, experiências de transformação, mas também de dor pelas separações abruptas e violentas. Estar inteira é também assumir estar despedaçada por essas experiências, é assim caminhamos pelo terreno colonial, recolhendo cacos, fragmentos de nossas histórias, de outras possibilidades de afeto, de criação e de desejos.

Acolhendo invenções, experimentações e mudanças de percurso como estratégias de pesquisa, misturando teorias que se complementam e auxiliam em mergulhos mais profundos, desejamos criar uma cartografia imago-textual que seja sensível, fluida e porosa, aberta ao que está em volta. Cartografia que nos orienta a partir das margens e fronteiras como lugares de potência, afeto, resistência e criação. Usando ferramentas de orientação, em sua maioria emprestadas por companheiras e companheiros, pessoas negras e indígenas, profes, estudantes, parcerias de vida, em diálogo com as teorias feministas e decoloniais que ressignificam a produção de epistemologias como campos amplos de invenção e diversidade, e não como verdades que nos aprisionem. Autorias que falam o que por muito tempo foi impedido de ser partilhado; propostas, leituras de mundo, problematizações diversas fundamentais à fertilização do entendimento historicamente árido a respeito das realidades dos muitos grupos e instituições pelos quais circulamos, e que fazem um convite à invenção de mundos outros.

Palavras-chave: Pesquisa com o Cotidiano. Memória. Cultura Visual. Educação.

## ABSTRACT

SILVA, Pâmela Souza da. **Labythinths of rememberances: Body and memory as investigative resources**. 2023. 116 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This thesis is a dream materialized in a collective, together with companions, meetings at the fair, on the train, in schools, at the waterfall, human and non-human people, references that nourished this soil, displaced and guided the notions of Time, Territory and Memory, three words/ideas/concepts/guidelines, conjurations for the transformation of everyday life, desires for creation and destruction. Times. Territories. Memoirs. Plural ways of thinking and living complex experiences that cross the lives of all of us, survivors of colonial violence.

This research wanders through collective bodies. Awake and attentive to the understanding of territories as part of ourselves, permeated by the relationship between life and death, a complex smell of rot that enters the nostrils, experiences of transformation, but also of pain due to abrupt and violent separations. Being whole is also accepting being torn apart by these experiences, this is how we walk through colonial terrain, collecting pieces, fragments of our stories, of other possibilities of affection, creation and desires.

Welcoming inventions, experiments and changes of path as research strategies, mixing theories that complement each other and assist in deeper dives, we wish to create an imago-textual cartography that is sensitive, fluid and porous, open to what is around it. Cartography that guides us from the margins and borders as places of power, affection, resistance and creation. Using guidance tools, mostly borrowed by companions, black and indigenous people, teachers, students, life partners, in dialogue with feminist and decolonial theories that give new meaning to the production of epistemologies as broad fields of invention and diversity, and not as truths that imprison us. Authors who speak what was prevented from being shared for a long time; proposals, readings of the world, diverse problematizations fundamental to the fertilization of the historically dry understanding regarding the realities of the many groups and institutions through which we circulate, and which invite the invention of other worlds.

Keywords: Daily Routines. Memory. Visual Culture. Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Anchieta .....	11
Figura 2 –	Segurar o céu.....	15
Figura 3 –	Caminhos possíveis .....	19
Figura 4 –	Liberdade.....	21
Figura 5 –	Brisa Flow: Fique viva .....	24
Figura 6 –	Estação de Anchieta .....	26
Figura 7 –	Obra coletiva: Baile do Egito .....	28
Figura 8 –	Pé de urucum carregado no Vilage .....	32
Figura 9 –	Mergulho em projetor .....	36
Figura 10 –	Professora fazendo pipa .....	38
Figura 11 –	Pipas e máscaras .....	40
Figura 12 –	Navio da liberdade: Um presente de Kayky Robert .....	44
Figura 13 –	Mergulho no rio Paraguaçu: Nutrir .....	46
Figura 14 –	Respirar .....	50
Figura 15 –	Navegar: Um presente de Karoline Maria .....	52
Figura 16 –	Caixa da mãe d'água .....	53
Figura 17 –	2007: Jornal da graduação .....	55
Figura 18 –	Sem título .....	56
Figura 19 –	Sonhar .....	57
Figura 20 –	Museu da Silva .....	58
Figura 21 –	Vilage-Pavuna .....	61
Figura 22 –	Dorgival e Márcia .....	63
Figura 23 –	Levanta a cabeça princesa .....	64
Figura 24 –	Mãe d'água .....	66
Figura 25 –	Sem título .....	70
Figura 26 –	Vilage e Audre Lorde .....	71
Figura 27 –	Caminho .....	74
Figura 28 –	O tempo .....	76
Figura 29 –	Gê Viana - Cultivo de cogumelos .....	77
Figura 30 –	Natalie Diaz .....	79
Figura 31 –	Walla Capelobo - Seres Rios .....	81

Figura 32 –	Complexo do Chapadão .....	83
Figura 33 –	Lua nova .....	85
Figura 34 –	Mil Mortos: Performer: Uýra Sodoma .....	87
Figura 35 –	Visita ao Pavilhão Maxuell Alexandre .....	89
Figura 36 –	Os cabelos de Jamilly .....	91
Figura 37 –	Egito BTS .....	97
Figura 38 –	Onça-pintada matando um missionário .....	99
Figura 39 –	Para estratégias de sobrevivência, as maiores tecnologias são as nossas ..	101
Figura 40 -	Biribiri tem gosto de saudade .....	102
Figura 41 –	Lia de Itamaracá ecoa em nossas cabeças e corredores .....	103
Figura 42 –	Orgulho .....	106
Figura 43 -	Aprender com a vida .....	109

## SUMÁRIO

	<b>NO COMEÇO TUDO ERA TERRA E ÁGUA</b> .....	12
1	<b>ESPIRAIS</b> .....	33
2	<b>RIOS</b> .....	47
3	<b>ESPELHO D'ÁGUA</b> .....	58
4	<b>MAR</b> .....	66
5	<b>SEDIMENTOS</b> .....	71
6	<b>FOZ</b> .....	77
	<b>MANGUEZAL</b> .....	102
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110



Figura 1 - Anchieta  
Foto: Acervo particular - 1994

Frutífera  
Conceição Evaristo

- Da solidão do fruto –  
De meu corpo ofereço  
as minhas frutescências  
casca, polpa, semente  
e vazada de mim mesma  
com desmesurada gula  
apalpo-me em oferta  
a fruta que sou.

Mastigo-me  
e encontro o coração  
de meu próprio fruto,  
caroço aliciado,  
a entupir os vazios  
de meus entrededos

- Da partilha do fruto –  
De meu corpo ofereço  
as minhas frutescências,  
e ao leve desejo-roçar  
de quem me acolhe,  
entrego-me aos suados,  
suaves e úmidos gestos  
de distintas mãos  
e indistintos punhos,  
pois na maturação da  
fruta,  
em sua casca quase-  
quase  
rompida,  
boca proibida não há

## **NO COMEÇO TUDO ERA TERRA E ÁGUA**

Sonho e materializo essa tese com muitas companheiras de teoria, de encontros na feira, nos trens, nas escolas, na floresta da Tijuca. Tantas e tantas pessoas que me aterram de meus devaneios, me localizam num tempo em que desejo finalizar esse trabalho árduo que teve início em 2019 e ofertar a esses amores um pouco do que aprendi ao longo de uma vida. Tudo e nada. Saberes que são para deixar de ser, transformar e mudar, como tudo que é orgânico. Minhas raízes se nutrem com Audre Lorde, Conceição Evaristo, Marcia Kambeba, Eliane Potiguara, Glória Anzadúa, Walla Kapelobo, Romeu Felizberto, Ailton Krenak, Antônio Nego Bispo e outras muitas referências que ajudam minhas folhas a crescerem verdes e brilhantes, que deslocam e guiam as noções de Tempo, Território e Memória, três palavras/ideias/conceitos/guianças que apareceram por aqui a todo momento, conjuros para a transformação dos cotidianos, desejos de criação e destruição. Tempos. Territórios. Memórias. Modos plurais de pensar e viver complexas experiências que atravessam a vida de todes, sobreviventes que somos da violência colonial.

Ao longo do texto muitas narrativas aparecem como imagem, frases, perguntas com nenhuma e múltiplas possibilidades de respostas, histórias que preenchem e carregam muitos encontros. Espaços vazios, apneias, mergulhos de olhos abertos e uma puxada de fôlego com a cabeça fora da água. Águas. Elas que vão se infiltrando, guardiãs de nossas memórias, em diversas formas e estados, se transformando e ensinando o que é fundamental a vida. Junto com Conceição Evaristo, Marcia Kambeba, Natalie Diaz, Saidiya Hartman teorizamos e sentimos sua presença mesmo em meio ao “caos e caos” dessa cidade Rio de Janeiro 2023. Sobre a grande importância das narrativas para os estudos do cotidiano e suas incorporações nos textos Garcia, Rodrigues e Emilião escrevem que

Em nossas pesquisas dos/nos/com os cotidianos, o mergulho das narrativas produzidas pelos praticantes das escolas indica um procedimento metodológico usual. Uma das marcas do uso das narrativas em nossa pesquisa que se relaciona a nossa opção por não anuncia-las ou trata-las como veículos de comprovação é o entendimento de que elas não são explicações e também não necessitam ser explicadas. Para Rosely Fontana (2010), se a narrativa não explica nada, o que ela produz são sentidos. Ela entrega-se ao ouvinte/leitor, possibilitando que ambos, tanto o narrador como quem o ouve/ lê, compartilhem com um fluxo narrativo comum, aberto a novas propostas que podem surgir de cada uma das passagens.

Junto a essas características e potencialidades do trabalho nas pesquisas e com a formação que envolve as narrativas, elas ainda se destacam pela função política que assumem ao mexerem com o estatuto do saber. (2019)

A poeta Audre Lorde nos escritos sobre suas práticas na docência, marca a importância de estar inteira e reivindicar nossas humanidades. No texto “A poeta como professora – A humana como poeta – A professora como humana”, coloca o aprendizado como uma experiência de *troca íntima* na qual é preciso entender quem somos, perceber as nossas reações e sentimento em relação a outros seres, o que ela chama de *exercício humano do nosso tempo*, como algo fundamental para abrir espaço para que o fluxo de aprender e ensinar aconteça. Estarmos inteiras nesse mundo que a todo momento tenta nos fragmentar, quebrar em pedacinhos, é uma luta, um ato político e estético. Ser humana. Ser água. Ser pássaro. Ser terra. Ser árvore. Ser vento. Ser professora. Ser aluna. Ser muitos corpos. Lembrar que somos tudo e nada, de onde falamos, ouvimos e sentimos a vida.

Sou um ser humano. Sou uma mulher negra, uma poeta, mãe, amante, professora, amiga, gorda, tímida, generosa, leal, irritável. Se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência. Se não trago tudo o que sou para vocês, aqui, esta noite, falando sobre o que sinto, sobre o que sei, então cometo uma injustiça. O que puderem usar, levem com vocês; O que não puderem, deixem para lá. (LORDE, 2020, p. 104)

Essa pesquisa vagueia pelo meu próprio corpo e pelos coletivos aos quais pertencço. Despertas e atentas para a compreensão dos territórios como parte de nós mesmas, impregnadas pela relação entre vida e morte, um complexo cheiro de podre que entra pelas narinas, experiências de transformação, mas também de dor pelas separações abruptas e violentas. Estar inteira é também assumir estar despedaçada por essas experiências, porque é assim caminhamos pelo terreno colonial, recolhendo cacos, fragmentos de nossas histórias, de outras possibilidades de afeto, de criação e de desejos.

Como esses olhos sentem o mundo?  
Que caminhos esse corpo percorreu?  
Que histórias contam a profundidade dessa pele?

Gotas de chuva

Pelo caminho encontro poças no asfalto

Espelhos d'água no meio da cidade

Paisagismo

Me vejo como quem se olha no vidro de um carro que passa

Fragmento

encontro com rios e baías

No mergulho

Na água que corre pelo corpo água

Lembro que existe o dentro

Que nos liga a tudo que é vivo

Em volta um grande mosaico de cores terras

que nos fazem

lama

carregamos

as águas

rios e mares

memórias nascentes

Sonho um convite para olhar as sementes de uma Sumaúma flutuando, se espalhando até chegar numa terra boa de crescer e a materializo com o corpo que tenho hoje, um corpo em luto, como sempre somos.



Figura 2 – Segurar o céu  
Foto: Acervo particular - 2019

Nos últimos dezesseis anos, da graduação até os dias de hoje, estive envolvida profissionalmente e institucionalmente com Arte e Educação, muitas vezes fazendo trânsitos forçados entre esses dois campos estabelecidos de conhecimento em diálogo com a Universidade. Ao longo desse tempo venho cultivando, com muitos pares, compreensões a respeito dessas categorizações da vida, imposições datadas, e que nos conduzem a terrenos de gramas aparadas. A partir de compromissos éticos e políticos assumidos com a vida e sua diversidade de formas, não nos interessa a harmonia estética de jardins enfeitados pois da profundidade das terras por onde circulamos, podemos e queremos aprender com as minhocas, fungos, bactérias, seres que vivem e criam ambientes de riqueza para que tudo que está em volta também viva, nutrindo oportunidades de trocas e oferecendo substratos que sejam úteis a saúde de nossos coletivos e territórios. Equilíbrio. Acolhendo as invenções, experimentações e mudanças de percurso como estratégias de pesquisa, misturando teorias que se complementam e nos auxiliam em mergulhos mais profundos, desejamos criar uma cartografia imago-textual que seja sensível, fluida e porosa, aberta ao que está em volta. Cartografia que nos orienta a partir das margens e fronteiras como lugares de potência, afeto, resistência e criação. Usando ferramentas de orientação, em sua maioria emprestadas por companheiras e companheiros, pessoas negras e indígenas, profes, estudantes, parcerias de vida, em diálogo com as teorias feministas e decoloniais que ressignificam a produção de epistemologias como campos amplos de invenção e diversidade, e não como verdades que nos aprisionem. Autorias que falam o que por muito tempo foi impedido de ser partilhado; propostas, leituras de mundo, problematizações diversas fundamentais à fertilização do entendimento historicamente árido a respeito das realidades dos muitos grupos e instituições pelos quais circulamos, e que fazem um convite à invenção de mundos outros.

Acolhendo a transgressão<sup>1</sup> como abordagem teórico-metodológica, aberta aos sentidos, incorporamos aqui a noção de pesquisa dos/nos/com os cotidianos (Ferraço, 2003), uma aposta nas redes de afeto e no aparentemente banal como elementos de extrema importância para a compreensão dos interesses das pesquisas, aliada à abordagem das pesquisas pós-qualitativas na qual marcas de percursos de vários corpos, ideias insurgentes, ponderações e sobretudo sentimentos identificados como traços coletivos, sustentam a

---

<sup>1</sup> Ação de transgredir, de infringir; violação, infração. Violação ou não cumprimento de uma lei, ordem ou regulamento; infração: transgressão das leis de trânsito. [Geologia] Entrada das águas do mar em áreas litorâneas, causada pelo aumento do nível do mar; inundaçãõ marítima.

capilaridade da vida e seu ciclo eterno de transformação como forma de produzir conhecimento. Pegando emprestada mais uma vez a frase de Garcia, Rodrigues e Emilião (2019): *A aventura aqui é a de criar mapas de navegação, assumindo a imprecisão própria da vida cotidiana, buscando formas de aproximação com o que esse viver produz.*

(..) as cartografias promovem interações e inter-relações ao gerar espaços incertos onde a escrita e a leitura se articulam visualmente em contínua mudança, questionando os discursos educacionais de práticas estruturadas. Nesse sentido, as cartografias não são uma fórmula de navegação prescritiva, mas um processo dinâmico e fluido de exploração e experimentação que atua contra a ditadura cultural e linguística das narrativas. Assim, uma cartografia pode representar um único momento no tempo ou muitos deles. Você pode consultar e conectar diferentes lugares ou apenas fazer várias conexões em torno de um determinado espaço. Isso ocorre porque uma cartografia pode ser bidimensional ou tridimensional, mas nunca linear. (Hernandez; Sancho-Gil, 2019)

Na sala de leitura da escola existe um livro enorme com lindas imagens sobre as árvores da Amazônia. A menina escolheu ele para levar pra casa, seus olhos brilhavam, contou com a voz estridente de animação que ela e a família são amazonenses. Na semana seguinte ela devolveu o livro e disse que tinha visto com a avó e que ela conhecia muitas daquelas árvores. Elas se emocionaram e compartilharam esse momento precioso com uma quase desconhecida.

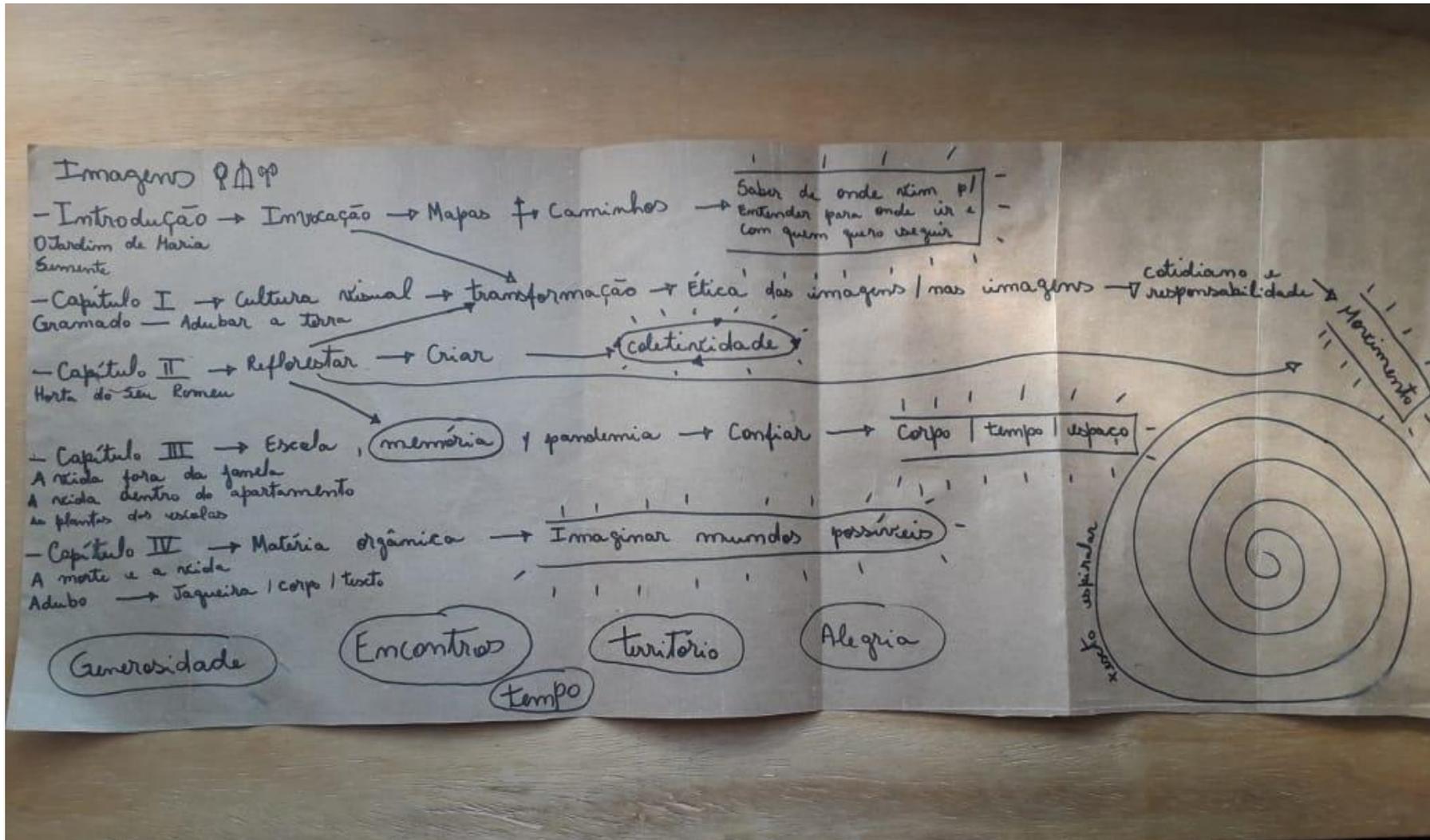


Figura 3 - Caminhos possíveis  
Foto: Acervo particular - 2020

As navegações pelos territórios de memórias desta cartografia, que por vezes se torna terra dura e árida, ora é sonho que se liquefaz, são orientadas por Conceição Evaristo e suas poesias movimento, que se tornam instrumentos de leitura e possibilidades múltiplas das compreensões de camadas, profundidades e superfícies. Ao longo do texto aparecem convites à mergulhos, ofertados através de tecnologias de memória. Imagens de territórios, poemas, músicas, vídeos, fotografias, ferramentas, encontros, ritos, conexões ancestrais, formas de despertar para os tempos e territórios que nos habitam. Sentindo, mesmo que por um instante, a espiral do tempo, presente passado presente (Martins; Santos; Munduruku; Krenak; Buttler; Kilomba;)

Castiel Vitorino nos lembra que *O que acontece na colonialidade é uma disputa pela memória. A supremacia branca reposiciona vidas em sua ecologia do esquecimento, tornando-nos reféns das memórias de plantação.*<sup>2</sup> Portanto, estamos sempre tramando nossa fuga desses territórios, compartilhando e criando Tecnologias de memória em meio a todo o arsenal de esquecimento usado contra nossas existências *A fala e o ato*, como escreve Conceição.

Glória Anzaldúa, professora, escritora e chicana lésbica invoca o poder das sabedorias das que habitam as fronteiras, identitárias e geográficas, e incorporam as contradições e ambivalências como força que permita *operar em um modo pluralístico*, apesar da dor, prover movimentos de criação. Ao olharmos para as direções que ela aponta, nos deparamos com as potências de ser um corpo que transita entre fronteiras, *La mestiza*, possui o que é necessário para compreender e desmontar fantasias coloniais que a aprisionam, saberes fundamentais à sobrevivência.

As inúmeras possibilidades deixam la mestiza à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou ideias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter ideias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. (Anzaldúa, 2005, p. 706)

---

<sup>2</sup> BRASILEIRO, 2022, p.70



Figura 4 - Liberdade  
Colagem digital: Acervo particular - 2019

“*A treta é sobre o território*”, como canta Brisa Flow<sup>3</sup>, e território significa tudo que somos. O que está em volta, o que está dentro, é a escola, é a comunidade, é a cidade, é o rio, é o mar, é o pensamento, é o corpo, é a espiritualidade. Subjugar nossos territórios e saberes é a estratégia de dominação colonial e nenhuma instituição está isenta desta lógica de funcionamento. Desterritorializar, denominar e dominar, como aponta Antonio Bispo

Quando completei dez anos, comecei a adestrar boi. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser imposta. (Santos, 2023)

Esta pesquisa é um lugar de disputa territorial, como toda pesquisa o é e aqui as batalhas aparecem também na escolha das palavras, em forma de desenho, poesia, imagem, dança, canto, corpo e espírito. Saberes que brotam e afloram em todos os lugares por onde caminhamos e que nos fortalecem no sentido de marcar a presença de nossas resistências e lutas pelo direito à uma vida plena, rompendo com as lógicas de exploração, compondo e nutrindo com os territórios, sejam eles quais forem. A professora e pesquisadora Marê Travassos defende que

(...) a autoria individual e coletiva, as poéticas, produções imagéticas e performatividades de estudantes nas escolas, são táticas (Certeau, 2013) de invenção de pedagogias outras, motivados pela crença de que as imagens, sejam elas de arte ou de qualquer outra fonte na amplitude da cultura visual, chegam até nós e engendram, constroem, tecem significados, uma pedagogia da imagem, logo estamos falando de artefatos de disputa política e epistemológica. As imagens visuais aliadas ou não a outras imagens, sonoras, imaginais, olfativas, etc., ativam poderes e por poderes outros são ativadas. Se projetam além dos suportes convencionais e ocupam corpos e coletivos. Indiciam pertencimentos, ações e territorialidades. Portanto, agregam e segregam, orientam e formam. As imagens visuais, hoje e já há alguns anos, fazem da cidade mundo uma grande escola na qual disputas se intensificam e reverberam, refletem e se projetam adentro da velha instituição escolar, na qual, por sua vez o poder do encontro, do estar, saber e fazer juntos pode ser indispensável resistência aos usos e efeitos nefastos dos poderes das visualidades. (Travassos, 2017)

---

<sup>3</sup> Jogadora rara: <https://www.youtube.com/watch?v=AhTPoNVRg14>



Figura 5 – Brisa Flow: Fique viva  
Foto: Anna Catharina / Divulgação - 2018

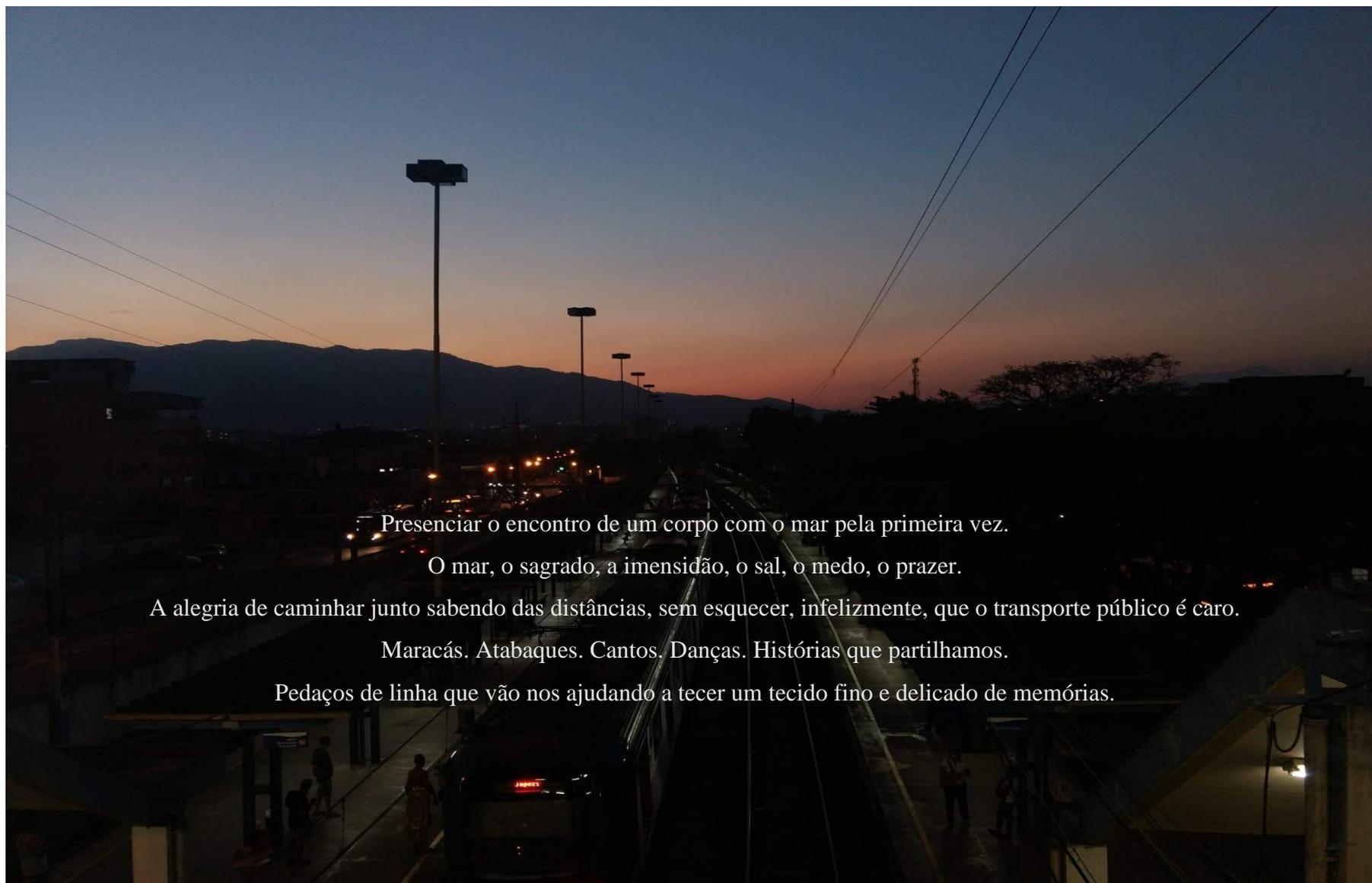
“Mate o jesuíta dentro de você!”<sup>4</sup> Essa frase dita pela pesquisadora e professora Geisa Giraldez poderia ser tomada como uma prescrição de navegação, talvez a única, para esta pesquisa e para todes que atuamos em escolas. As pesquisas que desenvolvemos, aliadas a uma prática docente com estudantes e as comunidades nas quais as escolas estão inseridas, nos levam ao privilégio de enxergar as belezas do cotidiano, e a não perder de vista que estamos na *barriga da besta*. A oficialidade da instituição Escola, assim como da instituição Arte, aponta para o norte e ocupa um lugar importante nesse projeto de mundo alicerçado na imposição e no aviltamento dos corpos que circulam por esses territórios. Linda Tuhiwai Smith, pesquisadora e professora Maori escreve sobre as pesquisas realizadas com povos indígenas e os danos causados pela educação formal a essas populações e, infelizmente, sabemos como essas estratégias ainda são perpetuadas.

Para muitos povos indígenas, a principal agência responsável por impor essa superioridade posicional sobre conhecimento, língua e cultura foi a educação colonial. A educação colonial ocorreu de duas formas básicas: escolarização missionária ou religiosa, seguida posteriormente pela escola pública e secular. Numerosas histórias contadas por diversas nações hoje atestam o papel crítico desempenhado pelas escolas na assimilação dos povos colonizados, e as formas brutais, frequentes e sistemáticas de negação da linguagem, dos conhecimentos e da cultura indígena. (Smith, 2018, p. 82)

No território das Imagens, das Artes, da Cultura Visual, disputamos através de nossas produções poéticas individuais e coletivas. Imagens de toda sorte, favoráveis ou não aos processos de ensino e aprendizagem, que permeiam nossos cotidianos. Imagens do pensamento, dos desejos e afirmações diversas que emergem nos corpos, nas falas e gestos, vencendo os limites das normas e das uniformizações. Algumas considerações teóricas, algumas considerações poéticas. Ambas as dimensões se embaralham. As colocações de luta, de posicionamento resistente e mesmo de decisão de enfrentamento direto partem de sentimentos aflorados em territórios devastados pelos traumas diversos. Antes da articulação das ideias por meio das palavras, vem a sensação estética, carregadas de sensações complexas. E seria a partir dessas configurações tão íntimas quanto universais que os discursos se articulam. E aqui é importante unir as imagens anteriores as palavras, das palavras ora cadenciadas pelo ritmo da pauta cientificista hegemônica, ora bagunçadas pela exaustão da impossibilidade de atuar e produzir conforme uma música que não é minha nem de tantos.

---

<sup>4</sup> GIRALDEZ, 2020



Presenciar o encontro de um corpo com o mar pela primeira vez.  
O mar, o sagrado, a imensidão, o sal, o medo, o prazer.  
A alegria de caminhar junto sabendo das distâncias, sem esquecer, infelizmente, que o transporte público é caro.  
Maracás. Atabaques. Cantos. Danças. Histórias que partilhamos.  
Pedacos de linha que vão nos ajudando a tecer um tecido fino e delicado de memórias.

Figura 6 – Estação de Anchieta  
Foto: Acervo particular - 2019

Patrícia Hill Collins sedimenta neste solo a matéria fértil da *Epistemologia feminista negra*, como uma alternativa que considera o conjunto de experiências vividas pelas pesquisadoras como fundamental para a produção de conhecimento, em oposição a uma ciência que exalta a racionalidade em nome da suposta neutralidade de seus resultados. A parcialidade como potência epistemológica em contraposição à universalidade proposta pelas abordagens positivistas, mulheres, pessoas negras, indígenas e demais corpos ditos minoritários, denominando e autodenominando saberes em consonância com a vida e com nossas experiências coletivas. Conhecimentos que servem às mulheres negras, e demais minorias, na medida em que elaboram suas próprias autodefinições e recusas, levando em consideração quatro dimensões fundamentais: a experiência vivida como critério de significação, o uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidado.

A epistemologia feminista negra é fundamentada por uma base experimental e material, a saber, experiências coletivas e visões de mundo correspondentes que as mulheres negras estadunidenses consolidaram a partir de sua história peculiar. As condições históricas de trabalho das mulheres negras, tanto na sociedade civil negra, quanto no exercício do trabalho remunerado, ensejam uma série de experiências que, uma vez compartilhadas e transmitidas, conformaram a sabedoria coletiva do ponto de vista das mulheres negras. Além disso, uma gama de princípios para avaliar as reivindicações de verdade encontra-se a disposição daquelas que compartilham tais experiências. Tais princípios sedimentam uma sabedoria das mulheres negras de caráter geral e consolidam, adicionalmente, o que eu chamo aqui de epistemologia feminista negra. (Collins, 2018, p. 147)

A relevância dos saberes que se afirmam pertencentes à experiência está na qualidade daquilo que incorporam e fazem ver no campo da enunciação. São esses saberes distintos das formas de conhecimento que se proclamam afastados dos desejos e interesses na relação sujeito e objeto, operando a distância e separação de um dos termos para garantir o efeito de verdade em suas proposições. Encontram-se dessa maneira em posição contrária às operações convencionais que marcaram a pretensa cientificidade das ciências humanas, conhecidas pela utilização de métodos restritos e frequentemente utilizados com o objetivo de refinar a experiência investigativa pelo domínio do léxico.

O reconhecimento enquanto possibilidade epistemológica nos afasta de vertentes de estudos que possuem longa tradição entre as pesquisas em educação, de um lado, os estudos técnicos articulados ao campo das ciências e tecnologias pedagógicas e, por outro, as teorias críticas voltadas ao direito, emancipação e ao combate de todo tipo de opressões (Larrosa, 2002). A possibilidade do

reconhecimento desses saberes nos permite encontrar no sentido das práticas e o excedente da experiência outra vertente de entendimentos acerca do fazer docente. Um caminho epistemológico que se investe menos na identificação de caracteres isolados ou na reflexão acerca das práticas em reprodução do que na escrita daquilo que se vive e percebe nos contextos de pesquisa.

Tal posicionamento em relação aos saberes advém de uma percepção existencial e estética do pensamento que, por vezes tida como superada, marca parte da modernidade ocidental em momentos históricos específicos (idem, 2002). Os saberes da experiência interessam enquanto possibilidade epistemológica pelos flagrantes traços que portam das existências em que se veem comprometidos, ao mesmo tempo que expressam os modos pelos quais os acontecimentos (Deleuze, 2007) puderam motivá-los, entre o estado de mundo deflagrado pela qualidade das relações que se percebem em íntima transformação.

Os Estudos dos Cotidianos Escolares têm mostrado nos últimos anos o quanto a produção acerca da experiência, a narrativa dos acontecimentos mais corriqueiros, não cessa de evidenciar lógicas que põem em funcionamento os currículos para além das vias determinadas pela instituição escolar (Alves, 2008; Oliveira, 2003). Do mesmo modo que são portadoras de saberes que constituem uma memória do pertencimento ao espaço da sala de aula, de uma experiência que se acumula para pôr em funcionamento, como para subverter, os rudimentos institucionais que legitimam as operações dos jogos de poder (Süssekind, 2011).

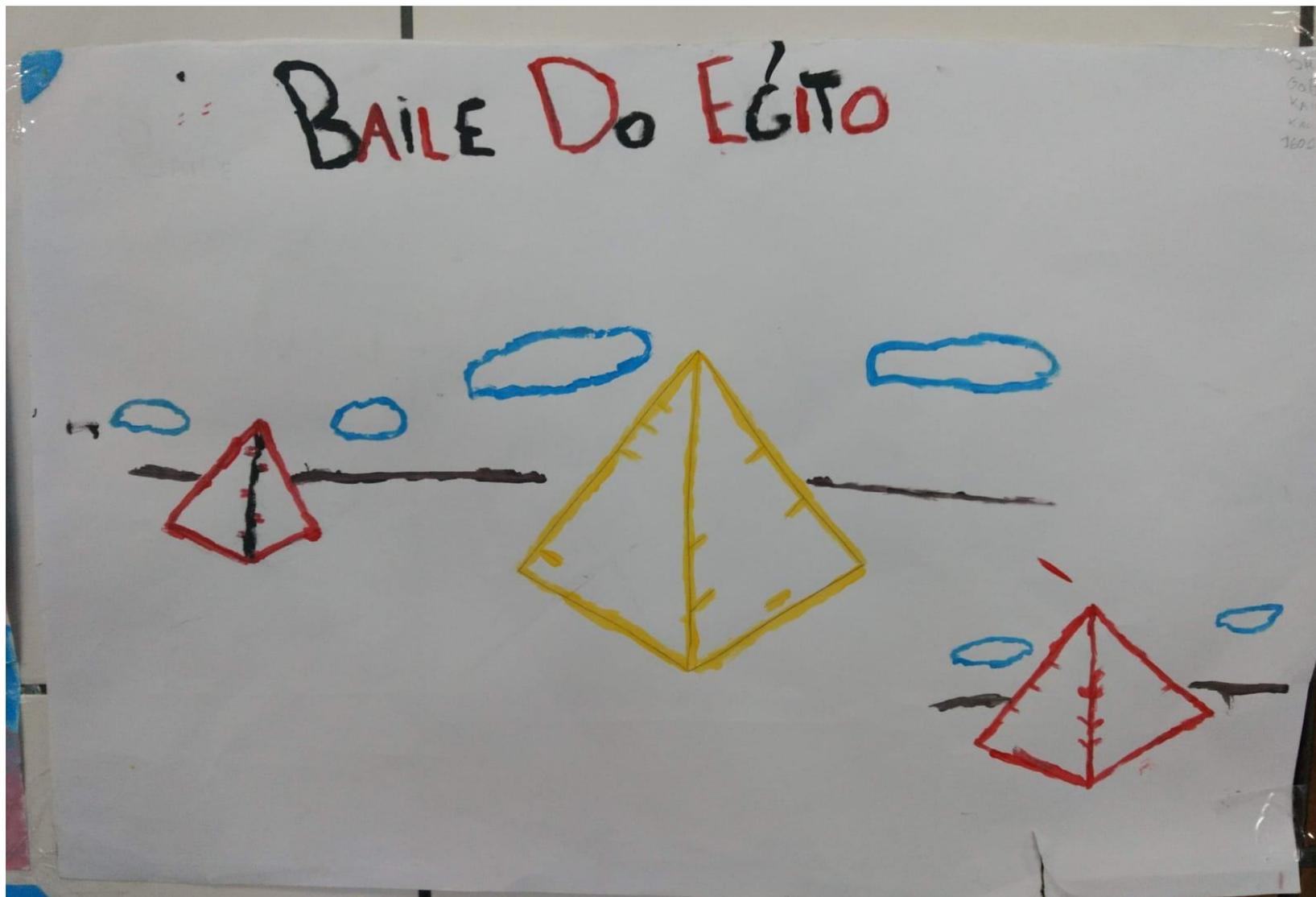


Figura 7 – Obra coletiva: Baile do Egito – Cores primárias  
Foto: Acervo pessoal - 2020

Os saberes da experiência são igualmente marcados pelos enfrentamentos que ocorrem detê-los, conforme se veem realizados, entre as condições de exercício do fazer e possibilidade do dizer. Podemos assim conhecer por aquilo que são portadores os jogos de poder entre as pequenas ocorrências e solicitações (Certeau, 1998), a partir de perspectivas que lhes são pouco convencionais ou, mesmo, estranhas. O espaço institucional que se constitui a escola passa justamente a ser descrito onde não cessa de manifestar seus procedimentos, pelas condições de exercício com que a experiência do ensino é dada a realizar-se.

Por sua vez, podemos entender a experiência na ultrapassagem desses procedimentos que não a determinam por completo, realizada a contrapelo do que se pode esperar de seus mais insólitos desdobramentos. Vemo-nos em ultrapassagem porque nos conciliamos com o que acontece, seguimos seus movimentos, envolvidos pelas intercorrências de cada momento. A experiência é o que nos passa, toca, acontece sob o sentido das coisas no mundo (Larrosa, 2002), como aquilo que passa atravessado por nossos desconhecimentos em profunda transformação de tudo. E não perdemos de vista também as indicações oferecidas por Bataille (2016, pg. 37):

“Chamo de experiência uma viagem ao extremo do possível do homem. Cada qual pode não fazer essa viagem, mas, se a faz, isso supõe que foram negadas as autoridades, os valores existentes, que limitam o possível. Pelo fato de ser a negação de outros valores, de outras autoridades, a experiência que tem a existência positiva torna-se ela própria, positivamente, o valor e a autoridade.”

A experiência é a incursão pelos cotidianos a que pertencemos e somos levados a encontrar nos limites do possível, como os limites dos gestos que praticamos comprometidos com nosso pertencimento de mundo, pertencimento sempre em devir sujeito aos trânsitos e exílios identitário e à surpresa do afeto. As imagens não são estranhas à experiência de trânsito pelos cotidianos, visto que elas também constituem o mundo, perfazendo a paisagem existencial no encontro com os seus possíveis. Constituem igualmente sua tonicidade visível que produz relações amparadas no olhar, no gesto de olhar, para o estado de coisas em que nos encontramos e permite prosseguir no aprofundamento das nossas escolhas, desejos e interesses (Mirzoeff, 2015).

A psicóloga e pesquisadora guarani Geni Nuñez delinea algumas das coordenadas geográficas que orientam estes escritos, como os conceitos de *reflorestar* em oposição a ideia de *monocultura*, e fala, entre tantas coisas fundamentais, sobre uma *temporalidade que sangra*, e aprisiona a existência de pessoas indígenas no passado, apagando-as do presente. Apagamento que implica diretamente na luta dos povos para manterem vivas suas culturas, e nas questões políticas que incidem sobre os reconhecimentos, ou não, de seus territórios e manutenção de suas vidas. Grada Kilomba chama de *atemporalidade* as experiências do trauma e das violências racistas que desumanizam pessoas negras, sentindo como se fossem levadas de volta para o passado colonial. As duas experiências distintas, o apagamento e a desumanização intencional, são exemplos das tensões investidas pela colonialidade sobre esses corpos. Tentativas brutais e incessantes de aprisionamento em tempos que servem aos interesses da manutenção do capitalismo, que levam ao adoecimento, à precariedade, à morte. É preciso falar sobre isso, porque esse é o tempo que rege a oficialidade, o tempo que não respeita a diferença, o tempo universal que nos é imposto. O tempo que essa pesquisa invoca é o que carregamos em nossos corpos, *territórios da memória* (Martins, 2010), possuidores de histórias e sabedorias ancestrais que usamos no confronto contra os apagamentos e silenciamentos que nos são impostos. Assumir temporalidades comprometidas com as experiências que carregamos, e nos impelem a enxergar o cotidiano também como

[...] Retomando o que Fanon traz, essa divisão de mente e de corpo, que é uma divisão racializada, [...] coloca as pessoas racializadas como um Outro do branco, como a particularidade do que seria o Universal. E um passo atrás, dessa divisão, está em colocar a natureza como um Outro, como o oposto da Humanidade [...] e é também por nos associar à natureza [...] como algo passado e de um tempo que não é contemporâneo, que as pessoas estranham a nossa presença como indígenas em 2021. Então essa temporalidade também sangra e nos faz sentir que a gente tá sempre fora do lugar [...] falando na hora errada, existindo no tempo errado... porque é o branco que tá no lugar certo e na hora certa. [...] e aí, eu tenho chamado esse sistema, de “sistema de monocultura” [...] de um único deus e uma única sexualidade, de uma única forma de se expressar no mundo, e que vai criando um antagonismo com o princípio da floresta, que é o princípio da diversidade e da concomitância. [...] Essa centralidade do humano, que tá na raiz de todas as violências coloniais, essa hierarquia, ela perpassa o imaginário de muita gente que acredita que é possível ser dono da terra, e a gente tem afirmado que nós não somos donos da terra, como lembra o parente Casé Tupinambá, porque “nós somos a terra”. E enquanto não for percebido e reconhecido o vínculo indissociável que a gente tem com a terra, não será possível uma vida sem violência.  
- GENI NÚÑEZ @genipapos @pensarjuntasejuntos

possibilidade de cura, reconhecendo a força de criação das imagens e memórias que acontecem no cotidiano. *Tecnologias de memória* que convocamos em coletivo enquanto dançamos, rimos, choramos e contamos nossas histórias e saberes.

Urucum seco tem barulho de rio.



Figura 8 – Pé de urucum carregado no Vilage  
Colagem digital: Acervo pessoal – 2022

Meia lágrima  
Conceição Evaristo

Não,  
a água não me escorre  
entre os dedos,  
tenho as mãos em concha  
e no côncavo de minhas palmas  
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,  
basta o meio tom do soluço  
para dizer o pranto inteiro.

Sei ainda ver com um só olho,  
enquanto o outro,  
o cisco cerceia  
e da visão que me resta  
vazo o invisível  
e vejo as inesquecíveis sombras  
dos que já se foram.

Da língua cortada,  
digo tudo,  
amasso o silêncio  
e no farfalhar do meio som  
solto o grito do grito do grito  
e encontro a fala anterior,  
aquela que emudecida,  
conservou a voz e os sentidos  
nos labirintos da lembrança.

## 1 ESPIRAIS

*(...) Tudo se foi  
mas a cobra  
deixa o seu rastro  
nos caminhos aonde passa  
e a lesma lenta  
em seu passo-arrasto  
larga uma gosma dourada  
que brilha no sol.<sup>5</sup>*

Tempos diversos coabitam esse território teso. Muitos passados, presentes e insistentes e ansiosos desejos de futuros, seguidos de grandes esforços para transformá-los em sonhos nutridos diariamente, distantes, vidas a frente. Fincamos nossos pés no presente e olhamos em volta. Queimadas. Genocídios. Abrir mão da linha passado presente futuro para vivermos outras temporalidades, comprometidas com as experiências que carregamos é sempre que possível, tentarmos experimentar outras percepções do tempo e o fazemos. Tambores, maracás, cosmologias, rezos e histórias nos acompanham pelas ancestralidades até o tempo de hoje.

Nas espirais do tempo dessa pesquisa existe uma pandemia. COVID 19. No dia 13 de março de 2020 estávamos na escola e nos avisaram que teríamos que fechar. Na correria do turno único organizamos as turmas maiores e corremos a escola para falar o que sabíamos sobre o vírus e quais eram as estratégias de prevenção. Naquele momento as orientações eram lavar corretamente as mãos e o uso do álcool em gel para evitar a contaminação. Esse era o início de longos meses de angústia, um período que marcou nossas histórias e corpos, medo do invisível, de sufocar, de abraçar e não abraçar as pessoas, medo dos governos, federal, estadual, municipal.

---

<sup>5</sup> EVARISTO, 2008, p. 41 e 42

Para as escolas que acreditamos foi devastador estarmos longe dos territórios, saber das notícias de fome, dos desempregos, articulando desesperadamente, da forma que dava, a distribuição de cestas básicas, o preenchimento do formulário do auxílio emergencial e acolhendo emocionalmente na medida do possível, e esse possível se alargando a cada dia diante da realidade. Meses sem beleza, sem alegria, apenas a feiúra das estruturas expostas.

Devastador também para quem precisou permanecer. Aqui, na Cidade do Rio de Janeiro, as equipes de gestão e secretaria foram obrigadas a trabalharem na distribuição de cestas básicas e cartões alimentação enviados pela prefeitura para as famílias. Um pesadelo que expôs as pessoas em momentos de alta contaminação e circulação do vírus, e tortura institucional que não enviava cestas para todas as pessoas, cartões apenas para alguns, e colocou esses corpos na linha de frente, precisando se desculpar e explicar o inexplicável, enfraquecendo as escolas diante das comunidades. De um lado pessoas com fome e de outro profes, servidoras públicas em desespero por também não terem nenhum suporte do Estado. Foram seis meses difíceis de escolas totalmente fechadas e fracassos nas experimentações online. Abrimos nossas casas, nossas redes sociais, números de telefone, tudo que pudesse ser uma forma de conexão com alunes, seguindo os planejamentos oficiais e a ideia de que os conteúdos das disciplinas precisavam ser passados. Diante da miséria, de uma catástrofe ambiental, as instituições nos cobravam vídeos das respectivas matérias enquanto imagens de caixões e pessoas entubadas, gráficos de contaminação, apareciam diante de nossos olhos.

2020

Desenvolver e pensar essa pesquisa ao longo da pandemia tem sido um desafio em muitos sentidos. O primeiro e maior de todos é conseguir manter alguma saúde em meio a tanto adoecimento, tristeza e miséria. Uma saga entre filtrar o que chega pelas inevitáveis telas e buscar outras fontes de informação e conhecimento. Lembrar das pessoas, dos abraços, dos trajetos, tirar das memórias esperança para atravessar os dias e força para colaborar com meus coletivos nesse momento tão difícil.

O segundo é pensar como uma importância da escola como território lugar, seus aromas, sons e toques que novo, são as memórias construídas invocar esses espaços de troca, e são de belezas, de alegrias, de gritaria, de pessoas em um auditório fechado, de pipoca e tomando refrigerante no

É confortável visitar este desolador saber que não voltaremos esses momentos que estão logo ali,

distantes, a ponto de tudo ser diferente. Respondo para mim mesma que o cotidiano sempre é transformação, me consolo e confio que nossos lugares ainda existem, mesmo que eles já sejam diferentes.

Isso me conduz à uma última inquietação que é pensar e elaborar uma pesquisa que dialogue com as práticas cotidianas e seja útil aos dias que vivemos. É uma preocupação que o uso dessas memórias não sejam apenas uma série de relatos sobre um tempo histórico, mas que sejam alimento para nutrir as práticas do presente



pesquisa que foi elaborada a partir da de encontros se configura sem esse nos transformam no cotidiano. De coletivamente que me auxiliam a elas que me orientam por um cotidiano comer junto, dançar, de ficar com cem assistindo filme, compartilhando o pote copo emprestado por outra pessoa.

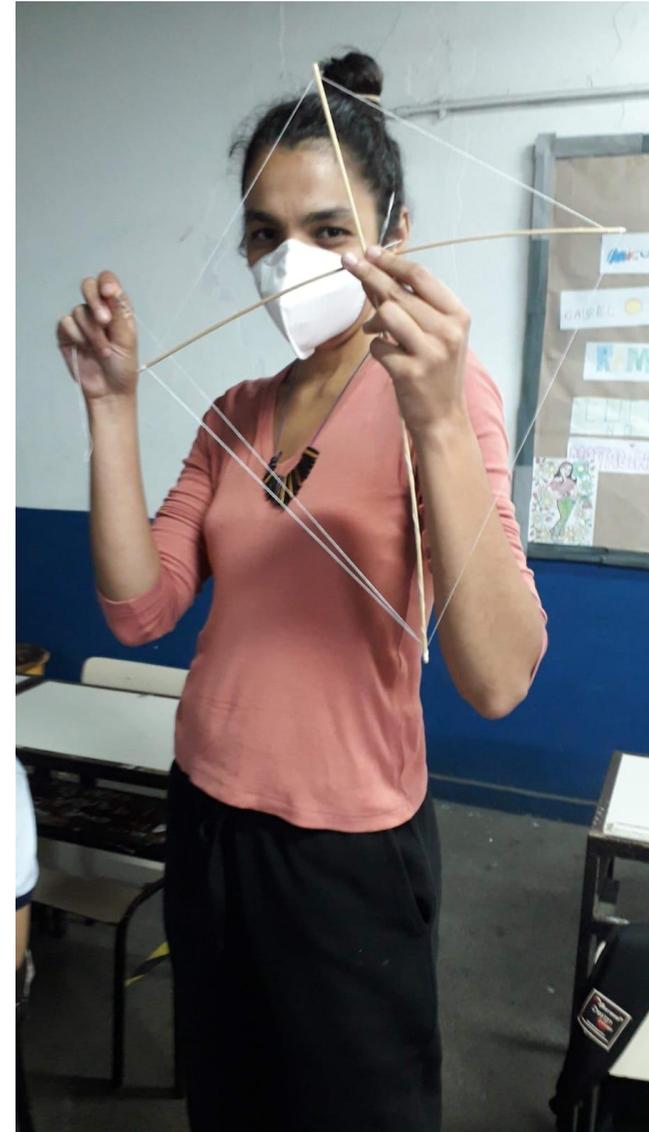
espaçotempo, mas também muito para lá. Me pergunto o que fazer com quase ao alcance do corpo, mas tão

No triste e arriscado retorno às escolas, sem qualquer garantia de vida, e proteção, reaprendemos a nos relacionar mantendo as distâncias necessárias, sentindo e replanejando de um dia para o outro, conforme as mudanças para melhor e para pior. Como sempre fizemos.

Esse tempo de mudanças radicais na forma de experimentar a escola nos causaram marcas profundas. O concreto, as estruturas e o desencantamento causados pela violência colonial que nos empurrou para as cidades, pobreza e aglomerações ficaram expostos diante de nós. Tódes sempre soubemos que diante do Estado nossas vidas tem menos valor, mas viver isso sem ver os sorrisos, mantendo uma distancia de dois metros, foi muito duro.

Depois de algumas semanas, com o rosto machucado pelo uso constante das máscaras, saí para beber água no corredor e uma aluna viu pela primeira vez minha boca e o nariz. Ela chamou a atenção da turma inteira para olhar. Foi como se ela tivesse me visto nua, e naquele contexto era mesmo uma nudez. Não há nada que não possa ser criado nos encontros e nas experimentações coletivas, entre limites e protocolos nos emocionamos com os primeiros toques, primeiros sorrisos e primeiros abraços de retorno.

Figura 9 - Professora fazendo pipa  
Foto: Acervo Particular 2021



Reencantar.

*O amanhã é um tempo que nós não temos!* Ouvi de Ailton Krenak em uma entrevista, um anúncio das catástrofes que todos os seres desse planeta vivemos em consequência da colonialidade mas, também, uma possibilidade de confrontar o modo como a lógica colonial opera, nos fazendo sempre trabalhar por esse tempo que não temos e no qual não somos. Um investimento falido que nos desloca da vida presente, que nos impele a olhar para as crianças como seres que precisam se tornar, deixando de lado os saberes que esses corpos já são. Essa é a lógica de pensamento das instituições, e no cotidiano das escolas é um trabalho árduo coletivo reivindicar a existência de outras formas de sentir e viver o tempo, que não é o da aula, não é o das secretarias de educação, não é o tempo dos currículos a serem seguidos e das provas a serem aplicadas. Reivindicamos um tempo no qual cada corpo conhece e reconhece o mundo conforme seus caminhos, no qual não seja necessário um laudo, uma certidão, um juiz para acolher nossas diferenças.

Trazer para a roda e para as salas de aula outras percepções do tempo é uma das formas de reivindicar o reconhecimento de nossas existências, presenças e diferenças em diversos espaços institucionais. Lutamos pelo não apagamento de nossas ancestrais e pelo direito de existirmos nos dias de hoje, com as marcas e distâncias provocadas pela violência, mas também com os saberes a respeito de outros modos de vida, anúncios da falência do projeto colonial. A Professora Leda Maria Martins escreve sobre memórias, performances e corporeidades negras e apresenta o *Tempo espiralar* como uma das formas de perceber as manifestações culturais afro-brasileiras, partindo de saberes presentes nos corpos, e também transmitidos ritualisticamente por mestras e mestres.

Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta (Martins, 2001, p. 84)

Ainda sobre outras noções de tempo, Daniel Munduruku escreve o seguinte sobre essas experiências para seu povo:

Uma particularidade do meu povo: nós não temos em nosso repertório linguístico a palavra futuro. Em nossa compreensão de tempo temos apenas o passado – o tempo da memória – e o presente, o tempo do agora. A palavra "futuro" não foi inventada por nós porque, vocês sabem, o "futuro" não existe. Ele é pura especulação da mente humana, que o criou com o objetivo de nos iludir e nos fazer aceitar a

condição de eternos dependentes do tempo. Para os povos indígenas a língua manifesta a realidade conhecida, experimentada, compartilhada e isso tudo só é possível quando vivemos o presente. (Munduruku, 2018)

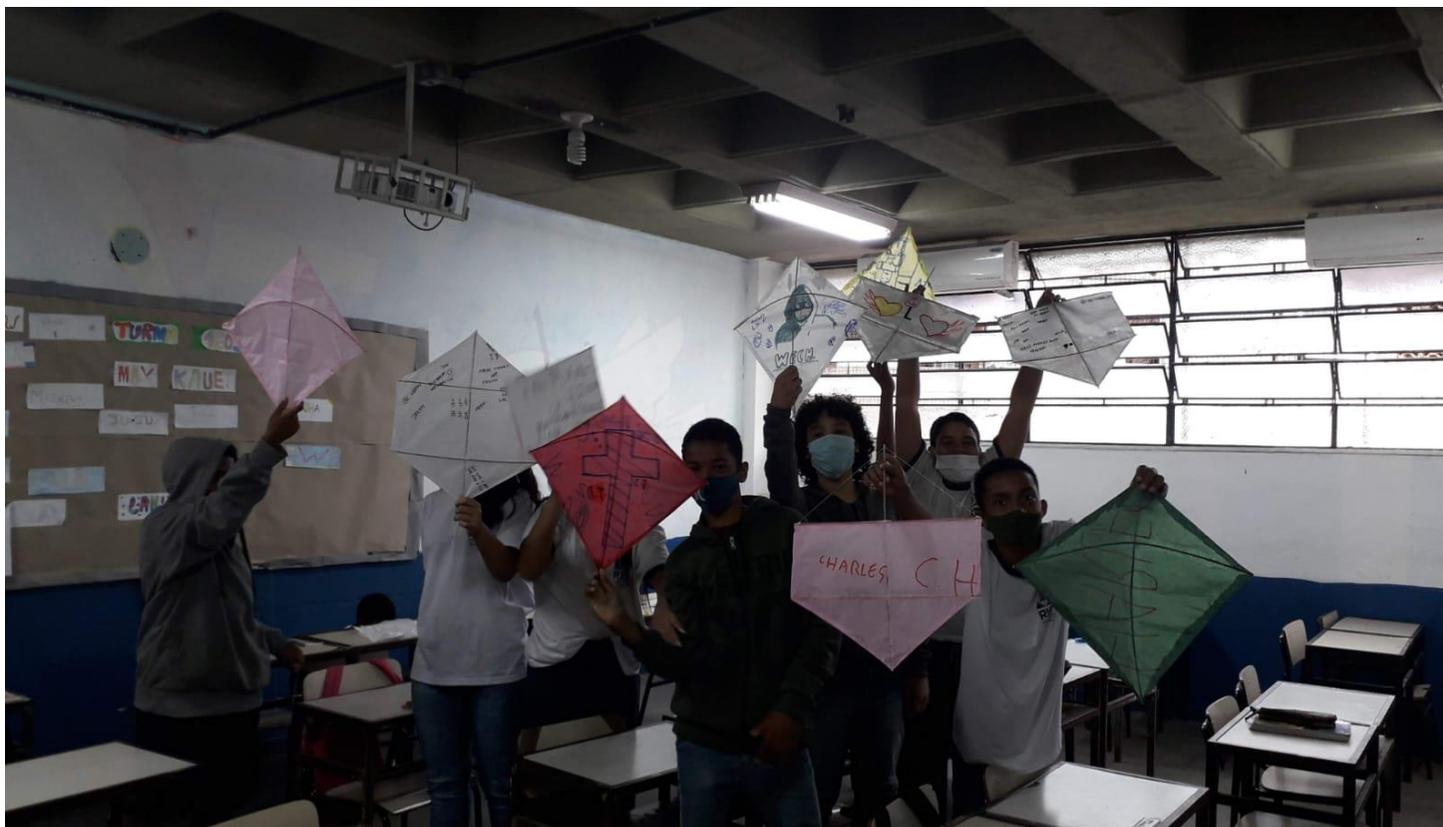


Figura 11 – Pipas e máscaras  
Foto: Acervo Particular 2021

É possível romper com o tempo colonial?

No poema “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo faz uma costura de tempos e espaços, constrói imagens que atravessaram os mares, chegam ao tempo presente e se fazem conjuração à vida-liberdade. Do eco das memórias, a sabedoria de ancestrais, a fala e o ato. Ela nos conduz por um passado de violência impostas até o presente, a materialização de muitos movimentos de vida e sobrevivência. Escolhemos trabalhar com esse poema em uma das aulas de Artes e das conversas e dobras que aconteceram, imaginamos juntas formas de acolher nossas meninas e de envolver a comunidade em nossa obra da obra.

Transpor uma modalidade poética à outra parecia implicar efeitos que ultrapassavam as estratégicas correntemente utilizadas em cada uma delas, produzindo naquela experiência efeitos de realização da imagem que, por sua vez, ultrapassariam as condições expressivas usuais em vista de outro valor de presença (Gil, 1997). Estávamos diante de uma ação performática irreduzível aos elementos que a compunham. A criação visual e a literária amalgamavam-se no ato poético das apresentações, fundiam-se nos corpos, de estudantes, familiares e profes, autores e obra daquele acontecimento. Acessando histórias, tecnologias ancestrais e criando memórias coletivas.

Desejar.

Desejando espaços de criação de beleza e de experimentação de outras sensibilidades, trabalhamos coletivamente a responsabilidade de chegarmos até aqui, de sobrevivermos, não com um peso, mas como o que nos permite movimentos de mergulhar e boiar, conduzidas docemente até esse tempo, no qual há muito trabalho a ser feito, mas que estamos amparadas em fundamentos e raízes que nos sustentam.

### **Vozes-Mulheres<sup>6</sup>**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si

---

<sup>6</sup>EVARISTO, 2008.

as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância.  
O eco da vida-liberdade.



Figura 12 – Navio da liberdade: Um presente de Kayky Robert  
Foto: Acervo Particular 2021

O eco da vida-liberdade (2019): <https://www.youtube.com/watch?v=aeVqz0ncmik>

Recolhendo pistas deixadas pelas que vieram antes de nós, cultivamos nos cotidianos possibilidades de existências e narrativas que respeitem nossas experiências e camadas de complexidade. Muitas de nós, profes e alunes, sabemos como é viver cada encontro com nossos coletivos como uma oportunidade única de troca, cura, alegria e comprometimento com nossas memórias de todos os tempos, inclusive ancestrais. É no tempo da aula, que é o tempo de vida, que forjamos em nossos corpos ferramentas de luta que podem nos acompanhar enquanto existirmos. É também nesse tempo que imaginamos a possibilidade de territórios que nos protejam, acesso à comida de qualidade, ar limpo, banho de rio, terra, crescer no bem viver. Aldeias. Quilombos.

O tempo do corpo é o tempo da natureza. Respeitar este tempo é oferecer ao corpo tudo o que ele precisa para viver com equilíbrio. Assim, o corpo segue o tempo de suas necessidades obedecendo a circularidade que a própria natureza lhe desperta. (Munduruku, 2017)



Figura 13 – Mergulho no rio Paraguaçu: Nutrir  
Foto: Acervo Particular 2018

## 2 RIOS

*Os antigos que vivem em mim  
Débora Arruda<sup>7</sup>*

*Avisaram que a vida é um rio  
que fala  
Wat'u me diz onde é o meu lugar  
e eu ouço  
no caminho. Ou travessia*

*seu nome é por menor  
não importa  
Wat'u é saber ler as águas  
E com elas navegar.*

Comecei a escrever este texto muitas vezes tentando encontrar caminhos e formas de apresentar uma escrita corpo como a que sinto. Reviro minha imaginação em busca de referências que me ajudem a explicar como é esse corpo, que as vezes parece um, mas é muitos. ri, chora, grita, deseja, goza, sonha, sua, acolhe, morde, briga, abraça, dorme, tudo ao mesmo tempo. Reverencio Octavia Butler, sei que ela conseguiria explicar muito bem tudo isso. Dar forma. Eu, sofro. E enquanto digito essas palavras tudo se transforma. O que me agrada porque é sinal de vida, mas também me desespera porque mais membros e sensações surgem desses processos. Penso em tentar me apoiar na ficção e nas artes para criar essas imagens que surgem dentro e fora, várias camadas e mundos que existem nos territórios desta pesquisa.

---

<sup>7</sup> ARRUDA, 2021, p.25.

Camadas de Tempos e Memórias, assim no plural dessa língua, pra tentar desenhar aqui, sem dar conta, o que podem ser os cotidianos, salas de aula, escolas, caminhos, comunidades, cidades, pessoas, humanas e não humanas e voltar destruindo tudo, gritando que as cidades são invenções coloniais, que as justiças e injustiças, os diferentes valores de nossas humanidades foram inventados as custas de muita destruição, que as escolas são instituições e possuem vigas e pilares e muito concreto, que as paredes e lajes das salas nos impedem de sentir o sol, o vento, as cadeiras servem para desaprendermos a dançar a chuva e tantas outras coisas que nos desorientam. Etnocídios. Ao mesmo tempo em que embaixo do asfalto, sementes em dormência aguardam o momento de brotar, uma jaqueira cresce na rachadura da fachada, como a natureza que somos, continuamos a desejar o sol, o contato com outros, abraços, escorregões e empurrões, novas funções para o corredor enorme, sonhamos e reivindicamos as raízes e os pés na terra. Lembramos. Lembrar apesar das tentativas de nos fazer esquecer. Desejos ancestrais de preguiça, de correria de criança, de som de risadas, de cantoria.

Terminei a licenciatura em História da Arte em 2009 e assumi minha primeira matrícula como professora do Estado do Rio de Janeiro, desde então trabalho em escolas públicas. Foram 19 instituições ao longo desses anos, uma diferente da outra, E em cada uma um oceano de diferenças, com acordos diferentes, formas diferentes de dialogar.



Figura 14 – Respirar  
Foto: Acervo Particular – 2019

A primeira vez que cheguei pra trabalhar na Vila Kenedy a diretora da escola me disse que a comunidade já sabia de mim, por que ninguém chegava sem ser visto por ali. Uma informação preciosa: as escolas são as comunidades onde estão e assim também são seus territórios e toda uma rede de vidas acontecendo e se percebendo, seja pelo motivo que for, escolas constituem os cotidianos de suas localidades e estas têm seus cotidianos realizados. Considerando esses pertencimentos, reconheço a sua importância para os planos, de vida ou de aula. A compreensão de que uma árvore cortada impacta o bem viver da comunidade, que cruzar com um caveirão na esquina da escola afeta o dia de todos, que a relação com um rio acaba por se reduzir ao medo de sua enchente nos obriga a distorcer relações espirituais ancestrais, pois, a falta de tempo e espaço para as crianças brincarem, correrem, pularem, gritarem, mexerem na terra, assim como a cheia de um rio maltratado, a ausência de árvores, afeta a saúde das comunidades, de tudo que vive nelas e, conseqüentemente, atravessa de forma radical nossos corpos e práticas cotidianas.

Nos territórios pelos quais caminhei, zona norte, zona oeste e baixada fluminense, tive turmas formadas por uma maioria de pessoas negras e pardas e indígenas, corpos com histórias complexas, vindos de longe, que atravessaram rios e mares até chegar nesse tempo em Senador Camará, Pavuna, Anchieta, Bangu, Realengo, Mesquita, Coelho Neto, Padre Miguel, Nova Iguaçu, Maracanã... Chegar com a força dos sobreviventes e muitas marcas dessas rotas, com diferentes texturas e sensibilidades, grafismos, cicatrizes, tatuagens e escarificações que podem ser visíveis ou não, depende da intenção do olho que olha. Corpos territórios nos quais todos os tempos habitam. E, portanto, muitas vezes, mais vezes do que gostaríamos, todos os dias, imagens muito vívidas das ficções coloniais nos atravessam. Imagens que nos fazem viajar no tempo, até o ponto em que inventam a humanidade e o que é o resto.

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse *imediatismo*, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> KILOMBA, 2019.

Ir e voltar no tempo. Os gatilhos de traumas coloniais acionam nossos corpos o tempo todo. Uma lista infinita de violências. Ir e voltar no tempo. Sagrado. Encantaria. Maracas. Tambores. Cantos. Gritos. Chás. Danças. Rituais. Banhos. Ervas. Recursos que ajudam a lembrar quem somos e a desejar sentir outras coisas com esses corpos.



Figura 15 – Navegar: Um presente de Karoline Maria  
Foto: Acervo particular - 2020Coelho Neto - 2020

Contemplar tantas forças em uma sala de aula pode ser assustador e maravilhoso. Para uma Professora I – Artes Visuais estar com 35 rios cheios de vida se encontrando, nutrindo, arrastando, pode evocar tantos sentimentos e desesperos como o encontro com tudo que é água.

A colonialidade nos inventa medos, problemas, dados, leis, diagnósticos, modelos, prazos, calendários. Nos envolvendo numa trama, conduzindo pra armadilha onde tudo que resta é controle e dominação. Mas esse corpo que é um e muitos, tem outros desejos. Ele também é um rio. Uma *Professora Rio*.

Caminho de Rio  
Márcia Kambeba

Caminho de rio, caminho de rio.  
Desliza macio, caminho de rio.

A floresta canta sem parar,  
Louvando o rio a passar.  
As folhas caem para olhar  
O velho sonhador que se arrasta para o mar.  
Caminho de rio

O calor do verão quer te queimar  
Caminho de rio  
A força da piracema vai enfrentar  
Caminho de rio

Molha o boto devagar.  
Caminho de rio  
Me ensinou a mergulhar  
Caminho de rio

Sem intervalo e nem parada,  
Derruba barrancos e galhadas,  
São sedimentos dessa jornada,  
Que constrói e desconstrói a nossa estrada.

Caminho de rio.  
Vou seguindo na remada. Caminho de rio!

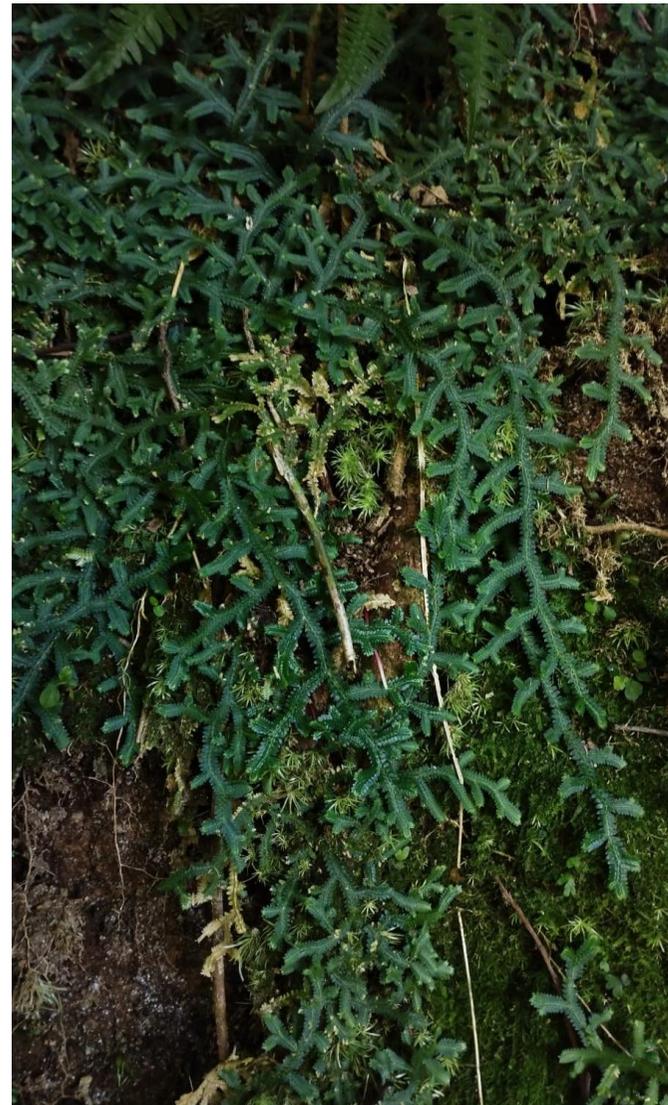


Figura 16 – Caixa da mãe d'água  
Foto: Acervo particular - 2023

Acolher a vida. Ter um corpo que ginga no jogo institucional, suas verdades universais, seus prazos, calendários inventados, obrigações, conteúdos programáticos, metas, e que se atenta para samambaia que está crescendo no pequeno buraco da parede, no corte de cabelo novo da criança, no clima tenso que antecede uma briga, na frustração de ver uma escola esvaziada pela violência do Estado, nos braços abertos pra um abraço. Um trabalho árduo movido pelo desejo de viver, de estar junto, de encontrar, reencontrar, sem perder de vista que *as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande*<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> LORDE, 2020, p.137.

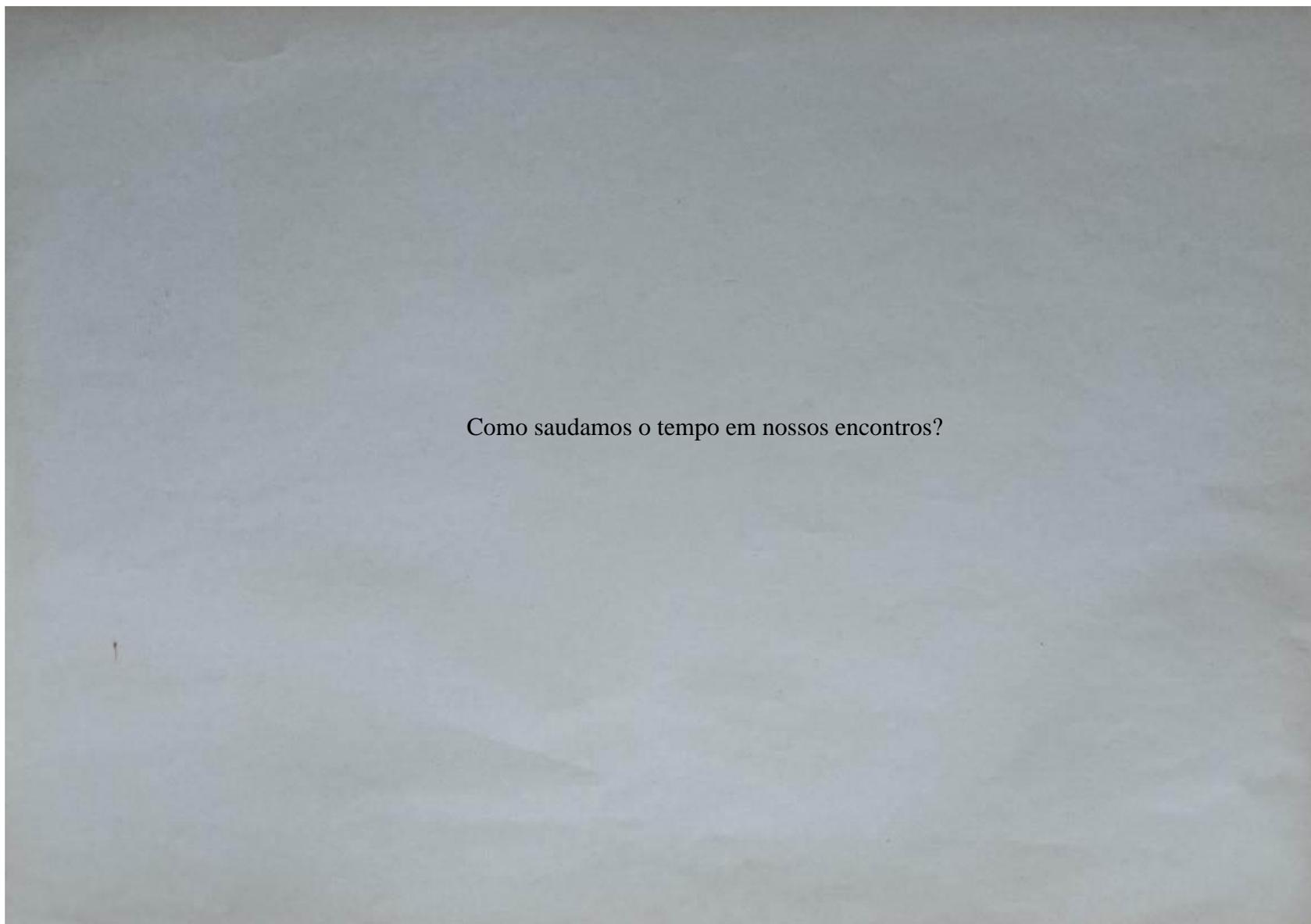


Figura 17 – 2007: Jornal da graduação  
Colagem digital: Acervo particular – 2023



Quando eu tinha uns oito anos escrevi uma história sobre um golfinho. Era um trabalho de casa no qual precisávamos criar um livro e eu o fiz, com as ilustrações e tudo. A professora não acreditou que eu tivesse criado sozinha e me pressionou perguntando de onde eu havia copiado a história. Ela mesma não sabia, porque se soubesse, teria chamado a minha mãe e me denunciado por plágio. Lembro que fiquei muito triste. Eu sabia exatamente o que as palavras dela significavam.

Esse ano comecei a trabalhar com a disciplina Roda de leitura para turmas do fundamental 1 e essas lembranças vieram à tona, não como uma dor, mas como uma experiência, um saber que convoco agora que sou eu a professora.



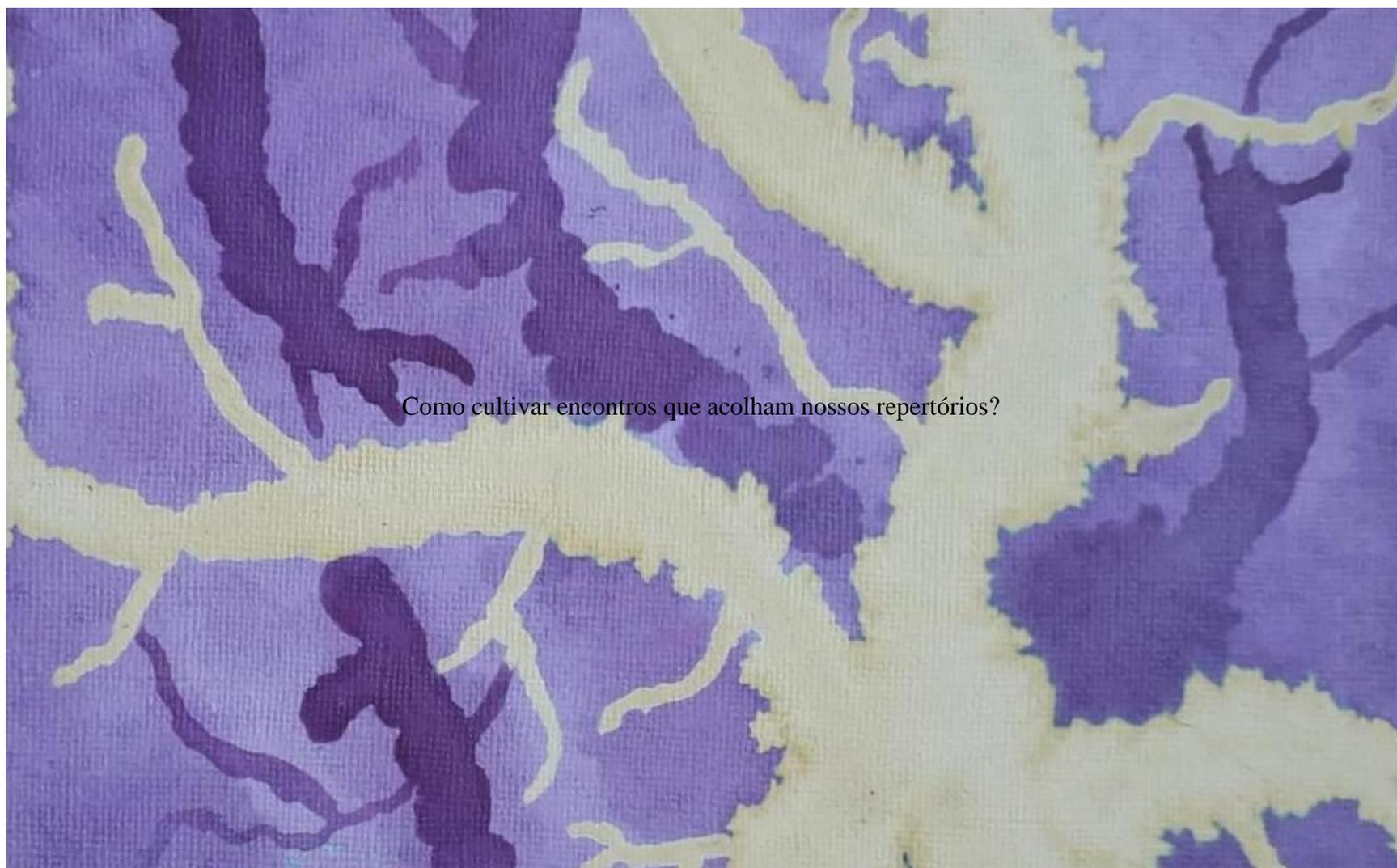


Figura 19 – Sonhar

Colagem digital e aquarela: Acervo particular – 2023  
**3 ESPELHO D'ÁGUA**



Figura 20 - Museu da Silva<sup>10</sup>- Acervo Moara Tupinambá - 2022

Espelhos bons não são baratos  
 Audre Lorde<sup>11</sup>

É uma perda de tempo odiar um espelho  
 ou seu reflexo  
 ao invés de parar a mão  
 que cria vidro com distorções  
 sutis demais a ponto de passar  
 despercebidas  
 até que um dia você repara  
 seu rosto  
 sob uma luz branca impiedosa  
 e a falha no espelho te estapeia em resposta  
 tornando-se  
 o que você pensa ser  
 a forma do seu erro  
 e se eu estou ao lado dessa eu  
 você me destrói  
 ou se você consegue ver  
 que o espelho está mentindo  
 você estilhaça o vidro  
 escolhendo outra cegueira  
 e indefesas mãos estilhaçadas.

Por que na mesma hora  
 no fim da rua  
 um vidraceiro zomba  
 inventando novos espelhos que mentem  
 nos vendendo  
 novas farsas  
 no atacado.

<sup>10</sup> <https://www.moaratupinamba.com/museudasilva>

<sup>11</sup> Lorde, 2020, p.33

Seguir a natureza de ser água e transformar o corpo. O que era uma tentativa de explicar as delimitações, formas e formatos vai virando outras coisas a medida que larga as peles pelo caminho, muda, se encanta. Romper com os espelhos coloniais e modos de olhar para nós mesmas, acolhendo nossas belezas e cuidando de nossas autoestimas. Um trabalho coletivo e comprometido com nossas histórias e os cotidianos que caminhamos, sempre atravessados pela violência colonial. Aqui no território desta pesquisa, que fala de encontros que se dão mediados pelas escolas no espaço urbano, em uma cidade engolida pelo concreto, é impossível não falar do cheiro do esgoto que sobe dos rios, em dias quentes também chega pelo ralo do apartamento onde moro.

A oficialidade para alguns corpos são redemoinhos. Sempre entre as primeiras perguntas cabe uma viagem até o fundo de nossas histórias da qual voltamos e um X nos aguarda. Nunca há espaço para dizermos das complexidades ou o que significa ser este território, terras e corpos para os quais olhamos. Em manhãs qualquer chegam os documentos oficiais, formulários, provas, pesquisas, que nos fazem perguntar o que somos. Nem branca, nem preta, nem parda. - Profe, eu sou indígena? Posso marcar essa opção? Um eco na sala de aula e dentro de mim. Uma viagem a um tempo distante que é o meu próprio corpo.

Em algum momento da vida adulta precisei me declarar parda, a única opção que fazia algum sentido diante da lei, até deixar de fazer, porque mexer em caminhos ancestrais é escavar a terra, e esse trabalho, braçal e espiritual, muda nossos corpos.

Na minha família nos denominávamos descendentes de índios. Era a forma como mantínhamos nossas raízes úmidas e vivas depois de arrancadas. Não existe descendente de indígenas entre as opções de categorias raciais, nem se discute onde fomos parar, apenas desaparecemos junto com os outros seres, biomas, culturas e línguas. Um projeto. Um limbo para o qual nos empurraram as missões cristãs, as políticas indigenistas genocidas, a apropriação da terra como uma coisa, as cercas, as escrituras de posse, a destruição das nossas palavras.

Identidades indígenas são coletivas como tudo que é vivo, pulsando e mudando, como tudo que é natureza, e somos. Uma aldeia inteira nasceu das crianças de Júlio e Edite, duas pessoas deslocadas de seus territórios em Alagoas e que chegaram a essa cidade migrando como tantas outras, conduzidas pelo desejo de viver. Sementes voadoras em busca de condições que quebrem a dormência para brotar e crescer, como cresceram nossos ancestrais.

A colonialidade nos obriga a Racializar todas relações.



Figura 21 - Vilage-Pavuna  
Acervo particular - 20222

Uma poça é o suficiente para criar um espelho d'água de profundidades inimagináveis, feito as muitas águas dos muitos olhos que nos veem. Este espelho não falsifica a imagem que nele se reflete, como o fazem os espelhos das vitrines em nome da balcanização das existências. Os olhares que me veem, e a mim ensinam o que sou, me refazendo segundo as suas histórias, experiências e sensibilidades, desejam e esperam ser vistos e complementados com o nosso olhar.

Olhares atentos e dispersos ao mesmo tempo, nada lhes escapa nem tem especial relevância se não “chega junto”. Os olhares de alunes fazem esse espelho vivo sobre o qual, pela pesquisa, pela poesia, pelo cansaço e esperança, me debruço e mergulho. Um mergulho nada narcísico me traz de volta junto com o que posso incorporar. Uma palavra, um sorriso, uma marra ou contrariedade, tudo está lá.

O espelho d'água feito de olhares e de imagens remete à problematização de Mitchell (2015) no artigo intitulado “O que as imagens realmente querem?” quando desloca a subjetivação do objeto visual para formular outra questão, na medida em que pensa que a pergunta pode soar como uma apropriação inadequada de uma questão normalmente reservada aos sujeitos, humanos.

(...)Particularmente os que são objeto de discriminação vitimados por imagens preconceituosas identificados com estereótipos ou caricaturas. A pergunta que sob certos aspectos se assemelha com a maioria das investigações a respeito do desejo do outro, desprezado ou menosprezado, da minoria ou do subalterno, e que tem sido tão central para os estudos modernos sobre gênero sexualidade etnia. “O que quer o negro?” é a pergunta levantada por Frantz Fanon (1967 p.8) arriscando a reificação da masculinidade e negritude em uma só formulação. “O que querem as mulheres?” foi a pergunta que Freud não pôde responder. Mulheres e negros têm lutado para responder diretamente tais indagações e articular os próprios desejos e questões. (2015, p. 166)

A mesma consideração se aplica a todos os grupos sobre os quais investigações de diversas perspectivas se debruçam para elaborar as questões e algumas respostas, com a intenção de que o tempo transforme tanto perguntas quanto respostas. A busca de ver no mosaico, caleidoscópio de imagens de mim, e me dar conta que os corpos-olhares que me refletem só permitem a realização de imagem, em fragmentos ou em totalidades alternáveis, na medida em que nesse corpo-olhar se refletem. esse intercâmbio de imagens e imaginários asseguram nossas existências, como na relação de alteridade mais elementar. O que desejaria ser a imagem de alunes diante de mim talvez seja não ser apenas imagem ou antes, lembrar que imagem não são e sim autores de imagens afirmadas em consonância com os olhos que

as veem. Afinal, as imagens são imagens na medida em que são assim compreendidas e suas significações e expressão resultam do que são amalgamadas com o que os olhares que as encontram e nelas acrescentamos nossas histórias, vazios, lacunas e excessos.



Figura 22 - Dorgival e Márcia  
Acervo particular - 1990

Inventaram para nossos ancestrais a pobreza, a fome, o sofrimento e a salvação, e ainda assim, chegamos até aqui conduzidas pelas lutas e resistências das que vieram antes de nós, e que nos ajudam a não esquecer, apesar de tanto investimento no oposto, que a vida pode ser vivida de outras formas, em consonância com muitos corpos e espíritos de diferentes formas, não apenas humanas.

Quando me debruço sobre esse espelho d'água, enxergo a mim mesma: minha vida de porronca, como chamava meu avô Julio, cercada por tantas outras coisas, formas de vida e de viver, que também aparecem refletidas. Me reconheço nos outros autores dessa pesquisa, compartilhamos experiências intensas, línguas, músicas, danças e éticas, saberes que oferecemos. Em suas companhias abrir os olhos debaixo d'água não é tão assustador.



Figura 23 – Levanta a cabeça princesa  
Acervo particular - 2020

As respostas podem ser oferendas ao tempo

Me lembro da primeira vez que respondi: Sim, sou sapatão! Em uma sala de aula lotada o aluno mais afrontoso me perguntou e eu respondi. O queixo dele caiu e eu esperei alguns segundos até que ele se recuperasse, comentasse com os demais o que tinha acontecido, a comoção se assentou e eu segui como a Professora Sapatão, agora oficial. Dentro de mim meu coração disparava, como se eu estivesse pulando de um lugar muito alto, meu corpo suava de medo, mas me dizia para confiar. Esse sim poderia custar minha vida, meu trabalho, minha saúde mental, o não também custaria e desconversar já não cabia em um contexto no qual alunes confiavam em mim. Eu também precisava entregar minha contribuição aquele coletivo e o fiz. Ao longo dos anos precisei repetir essa cena muitas vezes, em muitos encontros diferentes, meu corpo foi sentindo cada mergulho de forma diferente. Hoje a pergunta se transformou para: Professora, a senhora não é hétera não, né?

4 MAR



Figura 24 – Mãe d'água  
Acervo particular - 2018

*Recordar é preciso<sup>12</sup>*  
*Conceição Evaristo*

*O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos*  
*A memória bravia lança o leme:*  
*Recordar é preciso.*

*O movimento vaivém nas águas-lembranças*  
*dos meus marejados olhos transborda-me a vida,*  
*salgando-me o rosto e o gosto.*

*Sou eternamente naufraga,*  
*mas os fundos oceanos não me amedrontam*  
*e nem me imobilizam.*

*Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.*  
*Sei que o mistério subsiste além das águas*

<sup>12</sup> EVARISTO, 2008.

Nesse momento, ofereço ao mundo um corpo em luto e em meio a tudo que aprendo e reivindico com esse processo de transformação, entendo como nunca que a morte é parte da vida e isso é ser natureza. Castiel Vitorino Brasileiro<sup>13</sup>, artista e psicóloga, escreve que “*A dificuldade está em como cultuar a morte num contexto de violência racial. Em outras palavras, como ultrapassar a ideia colonial de vida, se a racialização nos violenta cotidianamente?*” A colonialidade também está na forma como somos obrigadas a viver esses rituais, nas mortes violentas, por tristeza, por excesso de trabalho, falta de acesso a terra, alimentação digna, água limpa, nos obrigando a levantar mesmo que falte um pedaço.

Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outros espaços, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. Só no transporte é possível refluir: você pode ir e voltar. A refluência só existe na linearidade. Quando não há circularidade, você vai ter que voltar por onde você foi. Na transfluência não há volta, porque ela é circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai – sem desconectar. (Santos, 2023)

Antonio Bispo fala sobre o movimento das águas e das cosmologias, processos circulares, ir e voltar de diferentes formas e pensando nesse fluxo, essa tese que se faz água, segue para desaguar no mar, salgado como nossas lágrimas, fonte de abundância e fartura, morada de divindades, deusas e histórias. Caminhamos pelas águas feridas por essa cidade, cachoeiras, Rio Pavuna, Rio Meriti, corpos d’água que desembocam na Baía e orientam travessias de mundos, o limiar, o quase sucumbir e ainda assim ser berço e fonte de vida. Na busca por sustento vivi muitas escolas por esse Rio de Janeiro, muitos olhos d’água e em todos os lugares encontrei quem quisesse mergulhar comigo e por muitas vezes tive meu trabalho questionado pelo barulho que saía das salas de aula. Barulho de criação, de alegria, de tretas, de plantas crescendo, de passarinho cantando.

---

<sup>13</sup> BRASILEIRO, 2022, p.53

Como conseguimos imaginar sem espaços seguros para elaborar sobre quem somos?

Podemos sonhar novos mundos em silêncio?

Existe silêncio ao lado de uma cachoeira?

Um dia enquanto aguardávamos a subida do primeiro turno uma onda de tristeza atravessou nosso barco. A morte, companheira de jornada, passeava entre nós e até ela estava triste. Quando isso acontecia nossos corpos se contorciam de dor e enquanto lambíamos nossas feridas, o único jeito de sobrevivermos. Os mortos vivos que compartilhavam a viagem com a gente continuavam a exercer suas funções. Como conseguiam continuar ali sem se sentirem cortados de cima a baixo? A raiva lancinava em meu corpo e eu queria gritar, morder, quebrar tudo mas antes de qualquer coisa precisávamos lambe nossas feridas.

Áurea Matins cantando A rezadeira de Projota: <https://www.youtube.com/watch?v=b5XexJ2YLAA>



Figura 25 – Sem título  
Colagem digital: Acervo particular - 2018

## 5 SEDIMENTOS



Figura 26 – Vilage e Audre Lorde. Foto: Acervo particular - 2016

*Nota escolar  
Audre Lorde*

*Minhas crias brincam com caveiras  
Pois suas salas de aula  
São vigiadas por bruxos  
Que berram pelas paredes desabando  
Como banheiros de papel  
Bruxas roliças lançam antigas maldições  
Em uma língua não ensinada  
Testam crianças sobre seus significados  
Dando notas  
Em um holocausto  
Que varia  
Da fúria ao desprezo*

*Minhas crias brincam com caveiras  
Na escola  
Elas já aprenderam  
A sonhar com a morte  
Seus parquinhos  
Eram cemitérios  
Onde pesadelos do não  
Montavam guarda na terra alugada  
Cheia de ossos do amanhã*

*Minhas crias brincam com caveiras  
E se recordam  
Que para quem luta  
Não há lugar  
Que não possa ser  
Lar  
Nem que seja.*

Era uma vez uma jaqueira gigante e antiga. Ninguém conseguia calcular quantos anos ela tinha, apenas sabiam que quando chegaram ali ela já era uma velha. Debaixo da sua sombra, no pequeno pedaço de terra, muitas vidas prosperavam, gente bicho planta. Suas folhas caídas alimentavam o solo, formando uma camada que protegia um outro mundo. Tatuzinhos, minhocas, formigas e uma infinidade de seres visíveis e invisíveis que se nutriam e transformavam a matéria orgânica. Sempre perigava uma jaca grande cair na cabeça e isso demandava muita atenção aos sons que vinham dela, canto de pássaros, cigarras agarradas ao tronco, folhas balançando com o vento, o romper do caule da fruta e a barulheira que ela fazia carregando tudo pelo caminho até se espatifar no chão. Se chegássemos logo na jaca caída conseguíamos comer, enfiar os dedos na fruta, retirar os gomos e ficar com as mãos cheias do visgo que só saía com um pouco de óleo. Tem quem enjoie e há bocas que enchem de saliva com o cheiro forte. Grávidas sempre paravam debaixo de sua sombra, cheias de desejo, e quando isso acontecia tínhamos que dar um jeito de subir no pé e pra pegar uma fruta madura, não se negava a ninguém o que vinha da terra, muito menos a uma prenha. Uma árvore, sua sombra e um bocado de terra. Um ambiente generoso onde cabiam muitas vidas, histórias e interações. Com o passar dos anos, seguindo o fluxo colonial, o pedaço de terra foi sendo coberto por cimento pouco a pouco, as necessidades humanas sobrepostas a todas as outras formas de vida. A jaqueira morreu, talvez de velhice, talvez de tristeza, e onde sentíamos o cheiro de fungos e umidade hoje é só secura.

Na história dessa árvore, que chamo de bisavó, cuja presença marca a linha do tempo da ocupação colonial no bairro de Anchieta, território Tupy mas que homenageia o jesuíta que retirava crianças indígenas de seus povos para humanizá-las, que já foi fazenda de café e de cana de açúcar, terra loteada como toda terra foi, reivindico uma espiral e convoco dela uma forma de sobreviver e sonhar. Na mesma medida em que as árvores morrem o bem viver de todes a sua volta está comprometido, as armas de calibres cada vez maiores chegam nas mãos de meninos que morrem nas disputas pelo território conflagrado.

### Caveiras e Caveirões.

No caminho pra escola um tiro de fuzil atingiu o braço da criança. Uma operação policial acontecia no horário de entrada do turno, uma coisa corriqueira. A sua sorte, segundo os especialistas, foi a bala ter atingido um poste e perdido força antes de atingi-la. Um ricochete. Ricocheteou. Nunca tinha usado essa palavra antes, também nunca tinha entrado em um batalhão da PM. Ela poderia ter morrido, poderia ter perdido o braço, não morreu, não perdeu. A família foi embora e nunca mais nos vimos.

Sementes aladas  
ou  
Tecnologias de espalhar memórias ancestrais



Figura 27 – Caminhos  
Foto: Acervo particular – 2019

Outros bichos descuidados são pegos de surpresa. Não atenderam aos sinais das tempestades e acabaram ilhados. Lagartos, bichos peçonhentos e cobras, que jamais se arriscariam a nadar naquelas correntezas, prefeririam ficar na árvore até a água baixar. A sobrevivência sempre esteve à prova e os curumins faziam de um tudo para chegarem na hora certa na escola. Mas isso era quase impossível, pois tão distraídos ficavam observando esses detalhes no caminho.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> ESBELL, 2021, p. 48.

Nas ruas em volta da jaqueira existe um cemitério Tupy, embaixo da Praça Itanhomi e entre tantos territórios e travessias, é assim que caminhamos, em meio aos ossos que não tivemos a oportunidade de sepultar com as devidas homenagens e rituais, memórias das dores que muitas vezes não sabemos de onde estão vindo e nem para onde vão nos levar. Não existem lugares para voltar, tudo isso começou quando a terra passou a ter um dono, portanto, plantar uma árvore onde a outra existia não vai trazer de volta aqueles tempos de sombra e frescor em um território arregaçado pela urbanização e, conseqüentemente, pela pobreza, mas em nossos corpos saberes fundamentais para desejarmos a alegria e a dignidade e sonharmos.

Gericinó

Aiacá

Aiúba

Juarana

Cracituba

Aripuá

Japoara

Araçá

Itanhomi



Figura 28 – O tempo  
Colagem e aquarela:: Acervo particular - 2021

## 6 FOZ

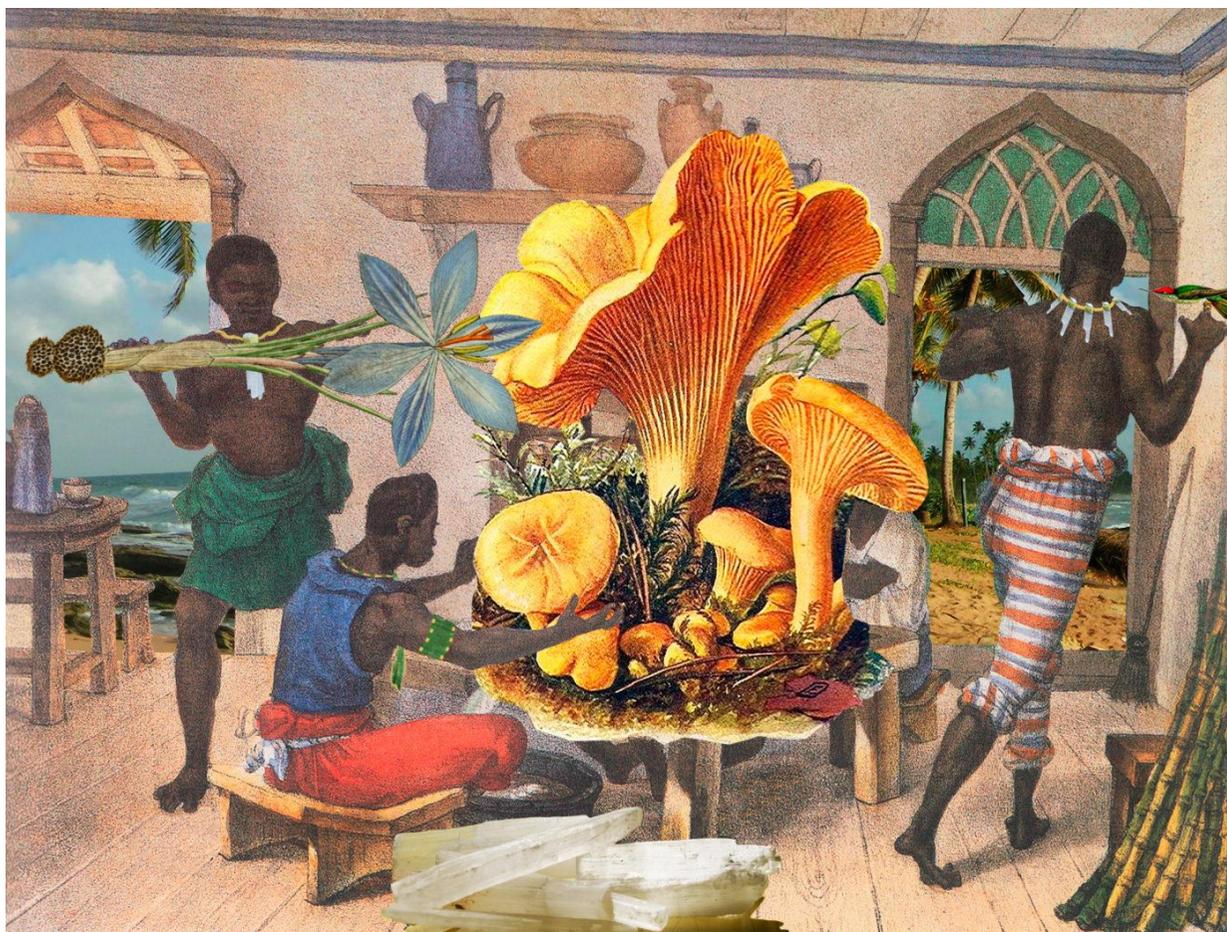


Figura 29 – Gê Viana - Cultivo de cogumelos, Da série 'Atualizações Traumáticas de Debret

Colagem digital: Acervo da artista – 2020

*Homens cultivam plantas e cogumelos em sua moradia. Com o forte cheiro das plantas, passarinhos se aproximam tentando aproveitar do licor das flores. Homens cultivam plantas e cogumelos em sua moradia. Com o forte cheiro das plantas, passarinhos se aproximam tentando aproveitar do licor das flores.*

Caminhamos recolhendo fragmentos de quem somos e reelaborando sentidos de vida, sonhando belezas e inventando histórias, ficcionando um presente no qual seja possível desejar, sentir alegria e prazer. Resistindo e criando apesar da maioria das imagens que chegam até nossos encontros não falarem sobre nós, mas sobre as violências que nos infligem. Muitas vezes parece que não temos escolha diante das narrativas de dor, e nossos destinos é criar contranarrativas em resposta, quando tudo isso diz sobre esse mundo colonial que compartilhamos, do que ele é constituído, e não sobre as histórias que desejamos contar. Uma armadilha no tempo.

A colonialidade instaura uma realidade na qual as relações das pessoas retintas com o sangue são desenvolvidas a partir da violência racial. Nesse contexto de *plantation* brasileira, existe o sadismo da aniquilação e tortura para que com pessoas negra e indígenas, que orienta até mesmo a agenda nacional de arte (visual, performance, teatral e cinematográfica), que passa a defender, comissionar e alimentar a reencenação da dor racial como uma prática revolucionária, antirracista e até mesmo “decolonial”; uma série de artimanhas com a linguagem portuguesa, a fim de garantir à branquitude seu lugar de supremacia. Trata-se de uma camada deste racismo contemporâneo desenvolvido com o capitalismo neoliberal e que marca um novo momento de compra e venda da vida *negra*.<sup>15</sup>

Transitar pelas oficialidades das Artes como profe e alune, como um corpo que compartilha muitas cicatrizes, nesse terreno inventado e de disputas monetárias, políticas, ideológicas, epistemológicas e seus tantos dogmas, exige de nós muitos recursos e banhos de ervas para fazer travessias entre nossas conexões fundamentais e valores, inclusive ancestrais, e as instituições. É preciso encarar cada território em suas especificidades e complexidades e ao fazê-lo, o que vemos, no caso da Arte outorgada, são infinitas imagens que foram, e são, usadas para reforçar a invenção de um mundo centrado na humanidade, nos paradigmas da modernidade, na imposição cultural aliada ao roubo e apagamento de nações inteiras. Como profissionais estamos sempre diante do desafio de pensar e promover reflexões éticas sobre os repertórios de imagens que compartilhamos com estudantes e os usos que delas fazemos em nossos cotidianos. Criação e destruição, imaginando juntas os territórios de nossas belezas.

---

<sup>15</sup> BRASILEIRO, 2022, p.53



A primeira água é o corpo <sup>16</sup>

\*

Isso não é uma justaposição. Corpo e água não são duas coisas diferentes – eles estão mais do que próximos ou lado a lado. Eles são a mesma coisa – corpo, ser, energia, oração, corrente, movimento, remédio.

O corpo está além dos seis sentidos. É sensual. Um estado de energia extático, sempre a ponto de rezar, ou de entrar em qualquer rio em movimento.

A energia é um rio em movimento movendo meu corpo movente.

Figura 30 – Natalie Diaz  
Poesia e aquarela:: Acervo particular - 2023

---

<sup>16</sup> DIAZ, 2022, p. 64

O entendimento de que o ensino da Arte e da Cultura Visual abarca e compreende o mundo das imagens, das representações visuais, e consequentemente os modelos e padrões de visualidade, nos colocam frente a frente de muitos desafios; o da História da Arte, o do assédio das imagens nas redes e demais veículos, das apropriações de mercado, das disputas de narrativas.

Os Estudos da Cultura Visual dimensionam os efeitos da imagem entre as relações estabelecidas na atualidade, não restringindo-se ao visível e à circulação e recepção, atentando para as relações de poder responsáveis pela produção da visualidade, como também à formação do olhar e do sujeito do olhar no âmbito da experiência (Dias; Fernández, 2014, pg. 102).

A perspectiva da Cultura Visual se dá pelo interesse nas construções culturais que partem e são permeadas pela experiência visual nas mídias, nas produções e representações imagéticas cotidianas, redes sociais, comportamentos, artes visuais, etc. Referindo-se à problemática decorrente das imagens visuais, seu volume, peso, produção e usos na atualidade e ao decorrente esforço à leitura, influências e demais jogos sociais das imagens e das construções imagéticas na realização da vida humana. É um desafio entender e construir práticas cotidianas que nos fortaleçam e nos possibilitem viver para além dos estereótipos que tentam nos aprisionar.

A Cultura Visual é uma dimensão epistemológica que envolve tanto os acontecimentos quanto a criação de meios para compreendê-los. Mitchell recorre à expressão “pictorial turn” para se referir à discussão teórica à ‘virada’ da imagem, devido à importância que passa a ter para a compreensão da cultura contemporânea a partir das suas relações com as imagens visuais. A partir do reconhecimento de que vivemos radicalmente envolvidos pela *iconoesfera*, camada densa e movimentada de imagens, que articulam e criam práticas cotidianas no intercâmbio entre produção e consumo, precisamos nos perguntar e questionar a respeito do que preenche essas camadas e os regimes de verdade que a constroem.

Kaê Guajajara, Por dentro da terra: <https://www.youtube.com/watch?v=gcZvckHKfPk>



Figura 31 – Walla Capelobo<sup>17</sup> - Seres Rios  
Cerâmica: Acervo particular - 2021

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/watch/?v=2279256202212503>

As cidades são construídas em cima de nossos corpos vivos.

A Educação para a Compreensão da Cultura Visual parte desses estudos com o intuito de aprofundar o entendimento das experiências de ensino acerca da imagem, o universo pelo qual são feitas e constituem o olhar sobre as produções visuais e artísticas. E amplia os materiais para reflexão com imagens advindas de todo tipo de mídia, além dos campos discursivos responsáveis por problematizar a sua leitura e modos produção. Seu campo de interesse encontra-se em dimensionar o universo imagético por meio da confrontação de saberes, conhecimentos e experiências, que possibilitem um traçado complexo das relações com a imagem e nos auxiliem a compreender as condições de sua apreensão e realização.

O que não significa que suas propostas didáticas desconsiderem o fazer das diferentes linguagens visuais e artísticas, bem como as contribuições de áreas como a História da Arte hegemônica, mas insiste principalmente em destacar o papel de todo tipo de conhecimento como elemento indispensável aos processos desenvolvidos na sala de aula. Processos que incluem a desconstrução dos preceitos e lógicas hegemônicas admiravelmente veiculados



nas imagens privilegiadas nos currículos conservadores. Assim, o currículo das artes na escola tomado muitas vezes de forma equivocada como eminentemente prático e, por isso, de pouco valor formacional é aqui afirmado sob outro estatuto, no qual o conhecimento multidimensional participa da consecução de suas propostas tomando os saberes da prática como equivalentes às práticas discursivas. Tal postulado anela-se a compreensão da corporeidade como dimensão cujos elementos não são fracionáveis: pensamento, pele, sensualidade, razão, conhecimento, imaginação, imagem, palavra...

Os regimes de verdade difundidos pelos paradigmas coloniais reduzem as maravilhosidades do mundo, das formas de vida e de viver, ao homemcisheterobrancocristãoeuropeu e centraliza nessa figura a referência do que é humano, e, portanto, pode habitar, ocupar e transformar todos os outros seres como recursos para a manutenção dessa única forma de vida, são esses os que possuem o direito de ser<sup>18</sup>.

### Tecnologias de esquecimento

---

<sup>18</sup> No livro *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon fala da existência de uma zona do não-ser, “uma região estéril e árida” habitada pelo negro. O olhar imperial do branco o fixou nesta zona. Em virtude deste olhar fixador, “mesmo me expondo ao ressentimento de meus irmãos de cor”, Fanon afirma, “o negro não é um homem” (Fanon, 2020), portanto, não é um ser.

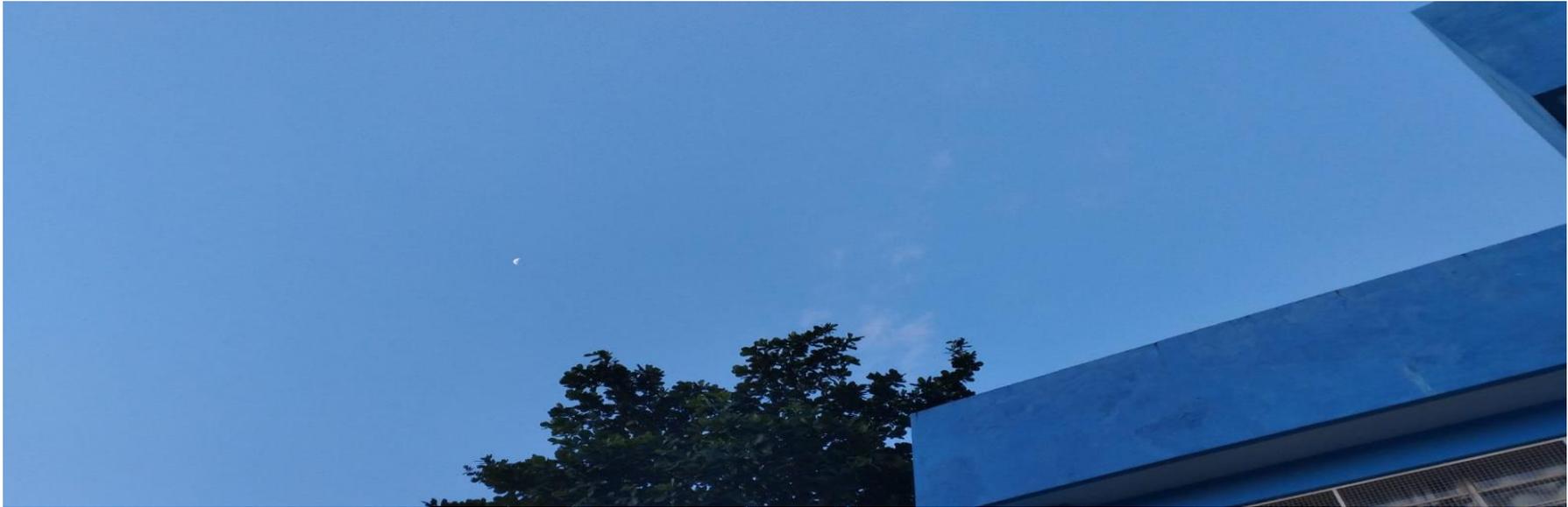


Figura 33 –Lua nova - Foto: Acervo particular - 2022

Diante de tais posicionamentos, então, tomamos a imagem durante a sua feitura com a mesma relevância atribuída à sua apreciação, destacando as problemáticas que envolvem cada uma dessas ações, desde as relações de poder presentes em sua produção às singularidades da formação do olhar e do sujeito do olhar. A experiência do fazer adquire um momento importante à elaboração do próprio saber que advém desde o contato com os materiais aos limites de cada técnica e linguagem em relação àquilo que se pretende comunicar. Por sua vez, a tarefa do olhar produz e ou complementa a obra visual, reiterando a compreensão da visualidade, cara à rede conceitual da Cultura Visual, como ato que agrega a contemplação, criação e captação das imagens.

Profes de Artes comprometidos e sensibilizados, com essas propostas, procuramos partir de marcos de compreensão possíveis entre os meios visuais e verbais, ancorados em referências de múltiplos significados, com o intuito de expandir a base dos conhecimentos dos alunos e suas estratégias de aprendizagem (Efland *apud* Hernández, 2010, pg. 60). Dispostas a garantir as condições necessárias para que

os alunos desenvolvam suas compreensões sobre o significado das representações visuais, bem como os acontecimentos que perfazem seus cotidianos e se veem frequentemente expressos nas imagens.



Figura 34 –Mil Mortos: Performer: Uýra Sodoma Fotografia e Edição: Matheus Belém Localização: Comunidade Cachoeira Grande, São Jorge, Manaus – 2018

Aqui, reiteramos a primazia da imagem pessoal e dos coletivos que nos modulam. Priorizando as imagens pessoais dos interlocutores, corpos, territórios e memórias, a partir das vivências da investigação, aspecto incontornável ao êxito da utopia íntima da educação formal.

Voltando aos esforços à ampliação das referências conceituais e visuais sob a percepção de que assim como o pensamento abstrato e as relações visuais, as visualidades sempre são carregadas de consistência conceitual, que contribuem para os processos de aprendizagem efetivamente direcionados à emancipação e valorização dos estudantes. Embora reconheçamos que mesmo entre os privados do sentido da visão vivenciem experiências consideráveis como visuais.

Focar nas visualidades pode ser confrontado com os valores que norteiam o campo da história da arte, sua posição no ensino de arte, uma vez que parte de representações, conceitos e visualizações críticos às epistemologias tradicionais desse campo (Martins *apud* Dias; Fernández, 2014, pg. 104). Como Profes somos capazes de colocar em questão as narrativas que se constituíram como hegemônicas entre as artes e, assim, recorrer ao universo das imagens como um deslocamento do olhar sobre as obras, artistas e movimentos de época comumente trabalhados em sala, localizando seus comprometimentos políticos e culturais para desmontar seus efeitos de controle e doutrina. Da mesma maneira que pode questionar, via as produções de arte, o mercado do entretenimento e o volume de imagens que os estudantes têm acesso, enfatizando as relações de poder e as narrativas voltadas a favorecê-los por um discurso que perpassa a produção visual. Os profes Irene Tourinho e Raimundo Martins argumentam que “O propósito da educação da cultura visual não é substituir conceitos, abordagens curriculares ou práticas do ensino de arte, mas inserir e incorporar no fazer artístico a discussão do lugar/espaço das imagens – qualquer imagem ou artefato artístico – e seu potencial educativo na experiência humana.” (2011, pg. 57)



Figura 35 – Visita ao Pavilhão Maxuell Alexandre – Obra Pardo é papel  
Foto: Acervo particular 2023

Fundação Iberê – Entrevista com Maxuell Alexandre: <https://youtu.be/1AB59KbQgqE>

Trata-se de reposicionar os saberes e conhecimentos da prática de ensino em relação ao papel da imagem, com os efeitos epistêmicos e as diferentes escolhas que possam advir desse movimento no contexto cotidiano da formação escolar. Compreendendo os saberes da experiência em relação à imagem e ao ensino da imagem como um novo arsenal de recursos para o entendimento de questões próprias ao universo artístico e à sua formação, conciliada com os acontecimentos da vida cotidiana dos estudantes no momento mesmo em que formam seu olhar sobre a imagem e os objetos da arte. Aprendizagens fundamentalmente políticas que permitem a ampliação do horizonte visual/cultural vislumbrando toda sorte de estéticas negadas, apagadas e ou subalternizadas, bem como elucidar os esquemas de interesses que levam a tais exclusões. A artista Merremii Karão Jaguaribaras expõe a forma como seu povo se relaciona com a Arte, disputando e criando narrativas de memória e de enfrentamento aos silenciamentos coloniais.

Cada espaço exige um mundo, cada mundo, uma expressão, uma vez que o equilíbrio se faz presente nas vivências. A conexão interage conosco quando as portas dos elementos ficam abertas. A arte é um dos portais das vozes, das visões, dos sentimentos. Muitas das linguagens estão expressas de diversas formas, poesias, desenhos, pinturas, e cada uma delas representa sua força interior conectada a outras forças que alimentam a vida existente. Muitas vezes, uma imagem representa a magia artística que liga diversos pontos a um elemento.

A arte é, também, a representação das línguas silenciadas, é a quebra do silêncio. Quebra de silêncio é o momento em que rompemos a amnésia social provocada pelo projeto colonial e evidenciamos em público nossas lutas. É o momento de ecoar as vozes silenciadas pela violência, para além de nossos lares. As vozes do silêncio só podem ser ouvidas quando há uma interação, uma ligação, uma conexão direta com o ambiente envolvido.<sup>19</sup>

A medida em que observamos por outros pontos de vista as estruturas que sustentam as verdades da *civilização planetária-cêntrica* (Grosfoguel, 2020) se torna mais necessário considerar os jesuítas que nos habitam para decidir que rumos dar a eles. No trânsito entre as tantas escolas que habitam a escola, escolher por nossas vidas, alunes, profes, funcionáries e comunidade, pode significar assumir a responsabilidade pela transformação como processo pedagógico e a felicidade de acolher no cotidiano produções estéticas que emergem inseparáveis das movimentações emancipatórias, geradas em consonância com impulsos ou intentos libertadores como toda criação e ação

---

<sup>19</sup> JAGUARIBARAS, 2022, p. 44

poética o é, se torna possível experimentar as aproximações e participar da elaboração coletiva de estratégias de enfrentamentos ao assédio das imagens visuais e pensar novos sentidos éticos, estéticos e políticos da beleza como produção e exercício da autonomia diante das práticas de poder que nos atravessam e, sob muitos aspectos, estão presentes no cotidiano escolar.



Figura 36 – Os cabelos de Jamilly  
Foto: Acervo particular 2018

Os cabelos de Jamilly (2017): <https://www.youtube.com/watch?v=m84lDsuaN18>

Desaprender a ser.

Os danos que foram e são causados pela violência da colonialidade, em nossos corpos, imaginários e ao planeta, são irreparáveis. Romper com essas práticas é uma urgência e um trabalho coletivo de criação. A artista Iki Yos Piña Narváez escreve no texto “A fantasia de assaltar o museu” sobre algumas intervenções realizadas pelo Coletivo Ayllu em museus europeus e como essas instituições são encarregadas de monumentalizar a supremacia branca, construir relatos e ficções sobre a história do mundo “ocidental” a partir da estetização do saque, da dor e da fetichização dos *Outros*. A ideia de acumular, colecionar e catalogar vidas e conhecimentos, que é tão cara a modernidade, e serve apenas aos interesses dos que vivem e se enquadram dentro da humanidade inventada por ela mesma. Iki se refere ao museu como *repositório racial da memória*, o lugar onde a *memória viva se faz pele*. Destaco o trecho abaixo pela beleza e perspicácia com as quais ela descreve e denomina as feridas coloniais e apresenta como a presença de corpos negros desmonta o triunfo da branquitude em um espaço supremacista como o museu do Louvre.



Beyoncé assalta o museu. Cria uma coreografia de corpos negros frente a peças de arte icônicas. Se posiciona no Louvre frente ao quadro da consagração de Napoleão de 1804. Mesmo ano da independência do Haiti, a partir da revolução negra e de resistência ao massacre que fizeram os franceses em terras do Caribe. Essa consagração não é nada consagrada pelas narrativas coloniais. Assaltar o museu significa invadir os espaços que produzem serializadamente a estética do 'belo' a partir dos corpos brancos, esculpidos, representados desde, por e para a supremacia branca.

Quando xs negrxs e xs corpxs bandidxs, corpos ilegalizadx pela supremacia branca, ocupamos o museu, são ações de desobediência estética, são ações políticas de imaginação, de viagem ao passado, de efervescência das recordações e desejos de recuperação.

Entrar no museu e nos espaços de arte implica submetemo-nos a um aparato de disciplinamento estético de nossos olhares. Esta maquinaria foi construída pela supremacia branca para produzir subjetividad(es), "sensações diante do belo", desejabibilidade diante "do branco" como corpo político universal. Esta imagem do vídeo de Beyoncé revive meus rechaços aos museus mas, ao mesmo tempo, me convida a invadir o museu para reelaborar a história, para que a raiva brote e que as sensibilidades múltiplas da diáspora se multipliquem e manchem a branquitude. (Narváez, 2020)

Patrícia Hill Collins chama de *conhecimento de oposição* as estratégias de enfrentamento e resistência às *Imagens de controle*, imagens estereotipadas que são produzidas e disseminadas amplamente pela colonialidade para manter pessoas negras em lugares de servidão. Para ela, a produção desses saberes não apenas denuncia a violência colonial, mas servem ao fortalecimento dos coletivos que às produzem e as necessidades diversas desses grupos.

Uma das estratégias mais centrais nas políticas de resistência empreendidas pelas mulheres negras é a construção do chamado *conhecimento de oposição*. O conceito de conhecimento de oposição pressupõe que, para haver mudanças nos discursos dominantes, é preciso que os grupos subalternizados organizem de forma corriqueira e sistemática novas formas de expressão da fala e da escrita, as quais combinam a crítica ao pensamento convencional com alternativas de produção de conhecimento que deem sentido aos fatos sociais e ao comportamento humano. A crítica social ligada aos pontos de vista distintos desses grupos é que forma o conhecimento de oposição. Esse é um dos argumentos a partir dos quais é possível compreender o pensamento feminista negro enquanto uma teoria social. Além disso, esse artifício é fundamental na resistência às imagens de controle. (Bueno, 2020, p. 127)

A memória da vida como experiência coletiva persiste e produz em nossos imaginários condições para a travessia da realidade que nos violenta. É na escola dos estudantes, espaço de invenção, que as experiências estéticas e poéticas - do cuidado de si às formulações identitárias, agregam intenções cujo conhecimento é importante à atualização das escolas e de suas ações, tais intenções reconfiguram modos de alcançar sua autonomia frente às práticas de poder que a institucionalidade escolar afirma. Estudantes nos ensinam o valor epistêmico e a relevância dos aspectos poéticos das práticas cotidianas e no que toca especificamente a educação, e centralmente ao ensino da arte, nos levam a repensar as tradições e as contradições dos percursos e percalços dos currículos, comprometimentos e aspirações das Artes na educação básica. Grada Kilomba descreve a partir da própria experiência escolar em Portugal a matriz do que vivemos e enfrentamos nas colônias, tentativas de edição e apagamento das memórias de muitos povos cujo cruel objetivo é a sustentação da chamada “civilização ocidental”.

Na escola, lembro de crianças brancas sentadas na frente da sala de aula, enquanto as crianças negras se sentavam atrás. De nós, dos fundos da sala, era exigido que escrevêssemos com as mesmas palavras das crianças da frente “porque somos todos iguais”, dizia a professora. Nos pediam para ler sobre a época dos “descobrimientos portugueses”, embora não nos lembrássemos de termos sido descobertas/os. Pediam

que escrevêssemos sobre o grande legado da colonização, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas de África, porque elas/eles eram terroristas e rebeldes. Que ótima maneira de colonizar, isto é, ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador. (Kilomba, 2019, p. 65)



A problemática que atravessa a Educação pela compreensão da Cultura Visual exige de profes a percepção e elaboração de saberes que estão intimamente envolvidos com suas experiências de vida e de ensino. O alargamento do olhar acerca do que acontece quando ensinamos, as aprendizagens em curso, o desdobramento das propostas pedagógicas que, frequentemente, surpreendem onde pouco esperamos. A problemática desse campo de estudos e prática educativa exige igualmente a acuidade do apreender os acontecimentos em

sua relação com as imagens para o aprofundamento dos saberes da prática e, por conseguinte, a enunciação discursiva e visual de suas reflexões (Dias; Irwin, 2013).

Diante da sua profusão na contemporaneidade, o pertencimento aos mundos não pode ser realizado fora da relação com o universo imagético que, acompanhando a trajetória humana, parece cada vez mais longe de esgotar sua participação entre as culturas ora globalizadas. O que nos leva pensar os saberes comprometidos com a experiência enquanto acentuação do visual em sua feitura/fruição, com a possibilidade de compreensão a partir de lógicas orientadas, influenciadas ou mesmo que minimamente marcadas pela imagem. Sua presença excedida no mundo atual termina por fazê-la se perder nas matrizes epistemológicas que, ao longo da história, reduziram a imagem a um estatuto inferior ao pensamento. E, junto ao pensamento ocidental hegemônico, o projeto curricular hegemônico do ocidente parece se situar diante das mesmas complicações, enquanto as realidades cotidianas são constituídas, pensadas e gestadas cada vez mais pelo binômio imagem e imaginação.

No poema “Pós-imagens” Audre Lorde escreve sobre um episódio muito chocante do assassinato e tortura de um jovem negro por supostamente assoviar para uma mulher branca. O que ela chama de *pós-imagens* são imagens de dor e violência, que chegam através da mídia, que esmiuça em detalhes, analisa e expõe cada talho causado pela crueldade da supremacia branca, e que permanecem gravadas nas memórias de pessoas negras. Elas sempre voltam como *fantasmas do verão*, avisos diretos e ameaças de morte, cujo propósito é imobilizar e aniquilar todos aqueles que são considerados *Outros* da sociedade. Esse é um poema de 1981, mas poderia ser sobre um jornal de hoje, as pós-imagens estão agora mesmo entrando por nossas “cavernas rochosas” e permeando nossos imaginários de medo e violência.

*Seja como for que a imagem entre  
sua força permanece dentro  
dos meus olhos  
cavernas rochosas onde evolui o peixe-dragão  
selvagem pela vida, incansável e ávido  
aprendendo a viver  
onde não há comida  
meus olhos estão sempre famintos*

*e lembrando-se  
 seja como for que a imagem entre  
 sua força permanece.  
 Uma mulher branca se posta arrasada e oca  
 um menino negro devorado numa lição assassina  
 relembrados em mim para sempre  
 como um susto de queda na beira do sono  
 gravado em minhas visões  
 comida ao peixe-dragão que aprende  
 a viver do que quer que possa comer  
 imagens fundidas sob minha dor. (...)*



Figura 37 – Egito BTS  
 Foto: Acervo particular 2019



Figura 38 – Noé León, Onça-pintada matando um missionário  
Foto: Reprodução – 1907

Há tempos compreendemos como parte fundamental do trabalho nas escolas escolher cuidadosamente as imagens que serão invocadas nas salas de aula. Esse cuidado é uma escolha política, ética e estética (Hermann, 2010) a medida em que levamos em consideração a inteireza de nossas relações, complexidades e a conexão com tudo que cocriaremos juntas. Criando e encontrando formas de romper com imagens e estereótipos que sustentam os paradigmas de violências. Compreendendo o panorama dos saberes nos quais nos apoiamos, seus valores epistemológicos e relações com o universo das imagens, bem como do ensino da imagem, para pensarmos principalmente os limites, possibilidades e desafios dos currículos contemporâneos inseparáveis do tema da pesquisa. As *pós-imagens* continuarão entrando por nossas *cavernas rochosas* por muitas vidas a frente e é preciso nomear as feridas para tratá-las, e alimentar a alegria que nos impulse a criar imagens que nos libertem constantemente.

O manejo das imagens aciona igualmente outras imagens que podem favorecer, protelar ou, até mesmo, impedir o envolvimento dos estudantes com as finalidades da educação, o que percebemos ser parte de uma produção difusa e intensiva do universo imaginário que porta as marcas dos enfrentamentos com a imagem e sua relação com o mundo. Com a escola e estudantes aprendemos parte da complexidade do universo imagético que exige outras formas de apreensão e elaboração da experiência, sem as quais nos parece insuficiente compreender os processos de formação nos campos do Ensino da Arte e Cultura Visual. Pensamos a imagem no território escolar em um campo que se apresenta incomensurável, uma amplidão que nos insere em registros ontológicos conciliados com as imagens, em sua capacidade de produzir outras possibilidades de presença no mundo contemporâneo e outras possibilidades à educação contemporânea.

(...) Dentro dos meus olhos  
as pós-imagens vacilantes de uma chuva de pesadelo  
uma mulher contorce as mãos  
sob o peso de agonias rememoradas  
e vagueio por entre fantasmas do verão  
traída pela visão  
dela e minha própria  
tornar-se peixe-dragão para sobreviver  
com pulmões torturados  
adaptando-se a respirar sangue. (Lorde, 2020, p.177)



Figura 39 - Gê Viana - Para estratégias de sobrevivência, as maiores tecnologias são as nossas  
Da série 'Atualizações Traumáticas de Debret'  
Colagem digital: 2020

## MANGUEZAL



Figura 40 – Biribiri tem gosto de saudade  
Foto: Acervo particular 2019

*Os sonhos<sup>20</sup>  
Conceição Evaristo*

*Os sonhos foram banhados  
nas águas da miséria  
e derreteram-se.*

*Os sonhos foram moldados  
a ferro e a fogo  
e tomaram a forma do nada.*

*Os sonhos foram e foram.*

*Mas crianças com bocas de fome  
ávidas, ressuscitaram a vida  
brincando anzóis nas correntezas  
profundas.*

*E os sonhos, submersos e  
disformes  
avolumaram-se engrandecidos  
anelando-se uns aos outros  
pulsaram como sangue-raiz  
nas veias ressecadas  
de um novo mundo.*

---

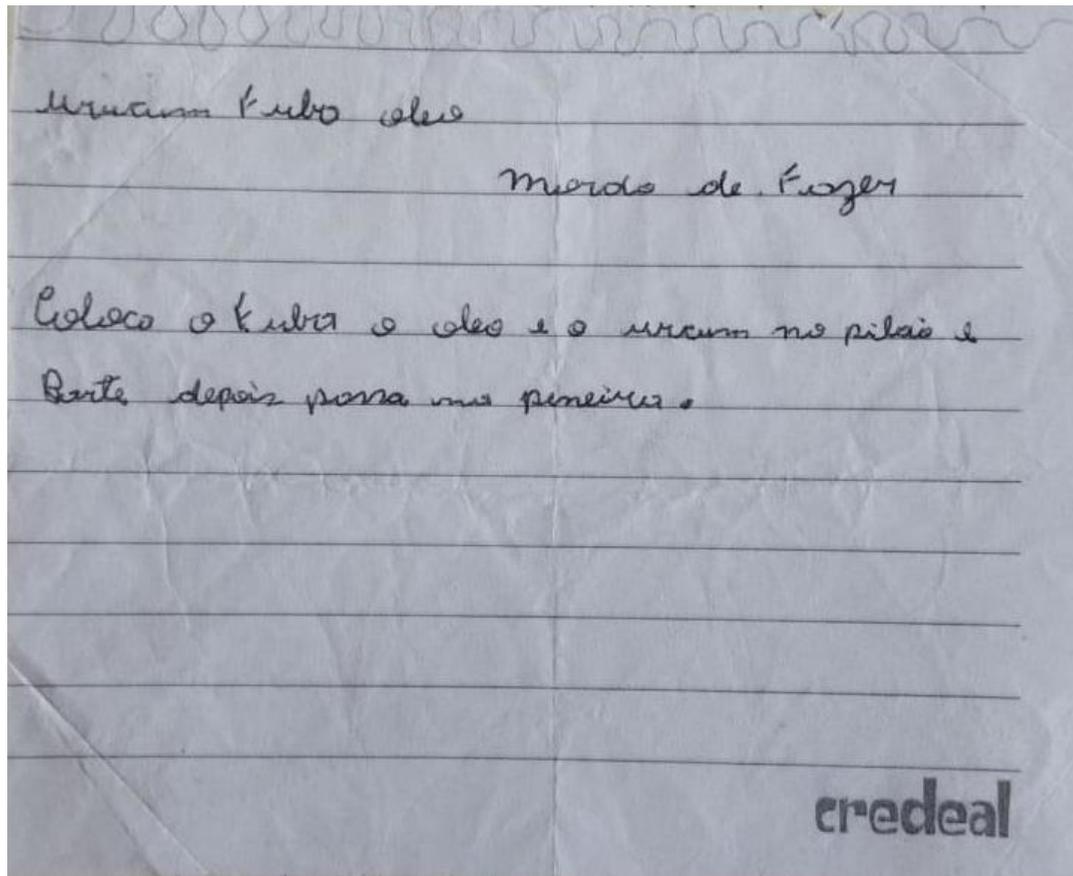
<sup>20</sup> EVARISTO, 1990.

Cheguei a uma escola olho d'água guiada por encontros e afetos carinhosos, desses que nos desejam o melhor. Meses de muita seca vieram, mas estar ali me mantinha úmida e desejante de viver. Apesar das metas, das provas e relatórios, fizemos dupla jornada e ousamos aprender e ensinar outras coisas. Um plano complexo que exigiu nossos corpos inteiros. Num dia de chuva fininha, dessas que abençoam, saímos em cortejo. Diferentes nações enfeitadas, homenageando as tradições do Maracatu. Saudações aos caboclos, reis e rainhas ao som de batuqueiras e batuqueiros dedicados. Dois turnos dando uma volta na praça, pessoas vibrando das janelas, um pequeno tempo de alegria. Memórias e saberes do corpo e do tempo.



Figura 41 – Lia de Itamaracá ecoa em nossas cabeças e corredores.  
Foto: Acervo particular 2023

Verde mar de navegar: <https://www.youtube.com/watch?v=mF7V5-3tnpg>



*interpretar as mensagens oníricas de nossas velhas indígenas.* (2019) e recolher de outras sabedorias, as ferramentas necessárias às nossas sobrevivências.

No conto “O livro de Martha” Octávia E. Butler, conta a história de uma escritora negra chamada Martha, que recebe de Deus a missão de encontrar uma solução que ajudasse a humanidade a sobreviver ao que ela chama de adolescência, e então, amadurecer coletivamente. A própria autora relata, no fim do texto, não acreditar em utopias, por elas sempre parecem ser o inferno para outra pessoa,

Estar na escola como professora investigadora, apesar dos anos de experiência profissional e das pesquisas já vividas e realizadas, não mingua as possibilidades de saber o até então ainda não sabido. A atenção ao que queremos saber - o que urge saber sobre mim, sobre a escola, sobre nós - implica na celebração do sonho. Do sonho de assimilar no próprio corpo as substâncias simbólicas e afetivas que nos impulsiona ao desconhecido. Afinal, como em qualquer encontro, cada conexão entre alunes e profes produz alguma novidade a respeito de ambas, que as une, localizam ou deslocam, seja na concordância ou no conflito. Diferenças que redundam em experiências vitais ao sonho como criação de meios de sobrevivência coletiva. Como nos oferece a escritora Eliane Potiguara: *É preciso*

mas para ela, a escolha pelo sonho como solução seria uma oportunidade de elaboração a partir da compreensão dos desejos, perspectivas e colaborações pessoais.

Sentir o sonho como forma criar possibilidades, realidades e acontecimentos por meio das imagens em jogo contínuo e profícuo. Imagens ancestrais, imagens novas, pessoais e partilhadas, individuais e coletivas que podem ser visuais, afetivas, poéticas, sensoriais e que constituem o imaginário. O imaginário, pulso poético que nos faz ser o que somos e criar o que criamos. Sabemos das estratégias e dos jogos de poder, entretanto também há resistências e táticas (CERTEAU, 2000) de enfrentamento.

Ailton Krenak pergunta e nos indica alguns caminhos para o sonho também como território de encontro

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. (Krenak, 2019, p. 65 e 66)

Seu Romeu é um encantado que se mostra de várias formas. Eu o vejo desde sempre como uma árvore que anda, os pés raízes, enormes e grossos, de quem acabou de desenterrá-los para sair caminhando por aí. No dia em que nos conhecemos um temporal havia caído na noite anterior e tudo que era concretado sofreu, toda a parte baixa da comunidade havia alagado, inclusive a escola. Limpamos o que era possível e na volta pra casa passei pela horta medicinal com uma amiga que trabalha há uma vida por ali, ele nos convidou para entrar e meus olhos que antes lamentavam a destruição causada pela chuva puderam agradecer por cada gota. As plantas festejavam, as folhas brilhavam cheias de vida, os pássaros cantavam. As chuvas ali, naquele pedaço de terra, significavam abundância, prosperidade, cura que nutriam uma comunidade inteira. Uma respiração profunda no meio de tanto concreto. Memórias vivas. e gentis. Um território inteiro pra ser visto com o corpo.



Figura 42 – Orgulho  
Foto: Acervo particular 2017

Entramos aqui em uma das muitas camadas dos territórios investigado - O imaginário como potência de relações criadoras da existência. Camada da qual me aproximo e entendo ser impossível mergulhar neste momento da pesquisa, mas que instigam o desejo de me aprofundar e debruçar em busca de referências que se aproximem dos compromissos éticos, estéticos e políticos com os quais desenvolvemos nossas pesquisas e que nos ofereçam percepções outras da vida, úteis a nossos pares. Para os estudiosos desse campo, a criação do Mito, tão presente entre grupos indígenas e sobreviventes da herança cultural africana, seria alimentado da imagem ancestral sendo informado pelas imagens, forma e narrativa que transforma a experiência. O que constitui a tríade fantástica na operação simbólica: informa – forma – transforma.

Processos de sonho, resistência, formação e poéticas sociais que nos interessam de modo a construir algo que seja fiel às nossas realidades e as formas diversas de viver e saber, em diálogo com a elaboração de uma pedagogia dos imaginários que nos estimule a questionar e a inventar territórios e mundos menos violentos. *Reflorestar* nossos imaginários coletivamente.

Decorre do exposto, a necessidade de completar a educação fantástica de uma pedagogia do imaginário que venha em auxílio da carência de “metáforas vivas” (Paul Ricoeur) experienciada por uma humanidade enfeitiçada pelo magma ou exame de imagens desencarnadas provenientes duma iconoesfera pós-moderna. Assim, entendemos com Durand que, face a um jejum de imagens poéticas, cósmicas e oníricas reconfortantes, urge que uma pedagogia da preguiça, da libertação reprimida e dos lazeres se torne um imperativo categórico. (Araújo e Teixeira, 2009, p.13)

Sonhar nesta pesquisa é também nutrir nossos imaginários, desejar formas de nossos corpos experimentarem a conexão com os territórios de forma plena, inclusive os oníricos, não apenas sendo atravessados pelas inevitáveis violências coloniais, mas também honrando os percursos e meandros de nossas ancestrais, quer elas sejam rios, plantas, pedras, animais ou formas que nem sabemos nomear. Sonhar também é romper com a lógica colonial que nos precariza e nos captura, e praticar cotidianos nos quais nascemos para “Sonhar e cantar” como canta a maravilhosa Dona Ivone Lara, compromissos éticos e estéticos com as vidas com as quais encontramos e que nos encontramos pelos caminhos. Sonhar sonhos e tempos nos quais descansamos com nossas histórias, cuidamos, e encontramos lugares que nos acolham, como raízes de manguezais, confiando nos processos coletivos, visível e invisível, nos nutrindo. Nesse tempo de bem viver,

lançamos nossas sementes memórias nas águas, entregues às correntes para crescerem ou virarem alimento, mas que tenhamos a oportunidade de criar e experimentar nossas sensibilidades a partir de nossos corpos e imaginários.



Figura 43 – Aprender com a vida  
Foto: Acervo particular 2018

Dona Ivone Lara - Nasci pra sonhar e cantar: <https://www.youtube.com/watch?v=NrQ9vvojWHs>

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. Educ. Soc. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários para as pesquisas com os cotidianos - após “muitas conversas” acerca deles. In: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas / Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Süsseskind (organizadores) - Curitiba: CRV, 2019.

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009

ARRUDA, Débora. Voltar para ir – wat’u. Belo Horizonte: Impressões Minas, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La frontera: the new mestiza. 4 ED. San Francisco: Aunte Lute Books, 2012.

\_\_\_\_\_. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

\_\_\_\_\_. A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios; Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

Brisa Flow. Jogadora rara. Youtube, 30/09/2020, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yDbO3dQgbAI&ab\\_channel=BrisaFlow](https://www.youtube.com/watch?v=yDbO3dQgbAI&ab_channel=BrisaFlow)

BATAILLE, Georges. A Experiência Interior – suma ateológica I. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2016a.

\_\_\_\_\_. A Parte Maldita. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2016b.

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito de Patrícia Hill Colins*. Porto Alegre: Zouk, 2020

BUTLER, Octávia E. *Filhos de Sangue e Outras Histórias*, tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

\_\_\_\_\_. *de sangue*; Tradução Caroline Cairos Coelho. Kindred: Laços. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Moras, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*; Tradução Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

\_\_\_\_\_. *Epistemologia negra feminista*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.139-170.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. 4<sup>a</sup> ed., São Paulo, SP: Perspectivas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Diferença e Repetição*. 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2006.

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita. *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DIAZ, Natalie. *Pema de amor pós-colonial*; Tradução de Rubens Akira Kuana. São Paulo: Circulo de poemas, 2022.

ESBELL, Jaider. *A antiescola do vovô Makunaimê*. In: *Afluentes: o rio é uma serpente / Serviço Social do Comércio. Administração Regional no Estado de São Paulo*. – São Paulo: Sesc São Paulo, 2021.

\_\_\_\_\_. *Jaider Esbell*, Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.

\_\_\_\_\_. Autodescolonização – Uma pesquisa Pessoal além do coletivo. Galeria Jeider Esbell. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/08/09/auto-decolonizacao-uma-pesquisa-pessoal-no-alem-coletivo/> - 10/11/2023.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

\_\_\_\_\_. Os sonhos. In: Cadernos Negros 13, São Paulo: Quilombo hoje, 1990.

FERNÁNDEZ, Tatiana, DIAS, Belidson. Pedagogias Culturais nas Entre Viradas: eventos visuais & artísticos. In: TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo. *Pedagogias Culturais*, Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014, pg. 101-137.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Os currículos realizados no cotidiano de escolas públicas das séries iniciais do ensino fundamental: as narrativas, usos, traduções e negociações como potência para problematizar e ampliar as redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes. Projeto de Pesquisa do CNPq, Universidade Federal do Espírito Santo, p. 1-22, 2008.

\_\_\_\_\_. A pesquisa em educação no/do/com o cotidiano das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed, da UFBA, 2008.

FILHO, Aldo Victório. Poéticas visuais cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; SGARBI, P. (Org.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp. 51-63.

\_\_\_\_\_. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. *Educação & Sociedade*, v. 28, núm. 98, enero-abril, 2007, pp. 97-110 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313707006>>

GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan; EMILIAO, Soymara. Pra começo de conversa e um “café”: Currículos e processo formativos compartilhar fazeressaberes. In: *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas* / Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Sússekind (organizadores) - Curitiba: CRV, 2019.

Guardiãs de Saberes. Corpo Terra Legendado. Youtube, 16/05/2019, Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=repXHMXCzhQ&ab\\_channel=Guardi%C3%A3sdeSaberes](https://www.youtube.com/watch?v=repXHMXCzhQ&ab_channel=Guardi%C3%A3sdeSaberes)

GROSGUÉL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.55-77. (Coleção cultura negra e identidade).

HARTMAN, S. “Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão”. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

HERMANN, Nadja. Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética, Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. Educación y Cultura Visual. Barcelona: Editorial Octaedro, 2010.

\_\_\_\_\_. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene Org.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

HERNANDEZ, F. E e SANCHO-GIL, J. Sobre los sentidos y lugares del aprender en la vida de los docentes y sus consecuencias para la formación del profesorado. Profesorado. Revista de Currículum y Formación de Profesorado, Espanha, 23(4), 68-87, 2019.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JAGUARIBARAS, Merremí Karão. Wúpi Taowá: vestindo-se de linguagens. Ponta Grossa: Ed. UEPG-PROEX, 2022.

KAMBEBA, Marcia Wayna. O lugar do saber. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

\_\_\_\_\_. O lugar do saber ancestral. São Paulo: UK’A, 2021.

\_\_\_\_\_. Saberes da Floresta. São Paulo: Jandaíra, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

\_\_\_\_\_. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. In: Revista Brasileira de Educação, ANPED, nº 19, jan/fev/mar/abr 2003, pg. 20-28.

LATHER, Patti.; St. PIERRE, Elizabeth Adams. Post-qualitative research. International Journal of qualitative studies in education, v.26, n.6, p.629-633, 2013.

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. Santa Catarina, 12/05/2021, Instagram, @genipapos, <https://www.instagram.com/genipapos/>, 15/05/2021.

LORDE, Audre. Pós imagens. In: Entre nós mesmas: poemas reunidos, tradução Tatiana Nascimento, Valéria Lima. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

\_\_\_\_\_. A poeta como professora – A humana como poeta – A professora como humana. In: Sou sua irmã: Escritos reunidos, tradução Stephanie Borges. São Paulo: Ubu editora, 2020.

\_\_\_\_\_. Irmã outsider, tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 2021.

\_\_\_\_\_. Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MALUF, Sônia Weidner. Eficácia Simbólica. In: TAVARES, Fátima, BASSI, Francesca (orgs.). Para Além da Eficácia Simbólica: estudos em ritual, religião e saúde. Salvador, BA: EDUFBA, 2012, pg. 29-59.

MARTINS, Raimundo. Imagem e processos de interpretação no contexto escolar. In: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira (orgs); e outros. O ensino das artes visuais: desafios e possibilidades contemporâneas. Goiânia, 2009a, p. 99-106.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território e educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. How to See the World. London: Pelican Books, 2015.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In ALLOA, Emmanuel (org.) Pensar a imagem Belo Horizonte. MG: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. Como Caçar (e Ser Caçado por) Imagens: Entrevista com W. J. T. Mitchell. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós, Brasília, vol. 12, nº 1, jan/abr, 2009, p. 1-17.

MOMBAÇA, Jota. “A plantação cognitiva”. In: MASP AfterAll. São Paulo: MASP, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos – roda de conversa com educadores. Lorena: U’KA Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. O ato indígena de educar(se), uma conversa com Daniel Munduruku, 21/02/2017, Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/3364>, Acesso em 15/05/2021.

NARVAÉZ, Iki Yos Piña. A fantasia de assaltar o museu, Tradução Cintia Guedes, In: Revista DR: Dossiê vibrações do inaudível, 2020, Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/a-fantasia-de-assaltar-o-museu/>, Acesso em 15/05/2021.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e intelectual: Possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora filhos de África, 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos Praticados: Entre a regulação e emancipação. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003

RANKINE, Claudia. Cidadã: uma lírica americana; Traduzido por Stephanie Borges. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2020.

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terre dá, a terra quer. São Paulo: Ubu editora/ PISEAGRAMA, 2023.

\_\_\_\_\_. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Cidinha da. *Um Exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio Simas e RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada da macumba. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2018.

SMITH, Linda Tuhiwai Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas; tradução. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. O estágio como entrelugar nos relatos de formação. In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra (orgs.). Universidade-Escola: diálogo e formação de professores. Petrópolis: DP etAlit; Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2011.

TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e Ingerências da Cultura Visual. In: TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo (orgs.). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2011, pg. 51-68.

TRAVASSOS, Mariane. Falasimagens: Corpo, visualidades e saberes no cotidiano de uma escola pública popular, Dissertação de mestrado, PPGARTES UERJ. Rio de Janeiro, p. 103, 2017.